

Ana Sofia Carvalho Monteiro

**AVALIAR ATITUDES PARA PREVENIR COMPORTAMENTOS:
AS ATITUDES DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS ACERCA DA
VIOLÊNCIA NO NAMORO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

*Área de especialização:
Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano*

2015

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**AVALIAR ATITUDES PARA PREVENIR COMPORTAMENTOS:
AS ATITUDES DOS JOVENS UNIVERSITÁRIOS ACERCA DA VIOLÊNCIA NO
NAMORO**

Ana Sofia Carvalho Monteiro

Porto, outubro de 2015

**Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia, área de
Intervenção Psicológica, Educação e Desenvolvimento Humano, sob orientação do
Professor Doutor *José Albino Rodrigues Lima* (FPCEUP) e coorientação da
Professora Doutora *Alexandra Serra* (CESPU).**

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor José Albino Lima, meu orientador! Pela tranquilidade e segurança transmitidas, pelo rigor com que sempre me orientou, pela ajuda e dedicação. Obrigada!

À Professora Doutora Alexandra Serra, minha coorientadora! Obrigada pelas reuniões que se tornavam mais leves com a sua presença sempre bem-disposta. Obrigada pelo rigor, correções e pertinência com que sempre me ajudou a melhorar este projeto.

À Ana, craque do SPSS e minha conterrânea! Pela paciência e pela capacidade de ajudares sem pedir nada em troca. Devo-te também as minhas melhores memórias de faculdade, de alguns tempos difíceis em que bastou a presença para que pudesse recuperar as forças. Obrigada pelos dias de estudo intensivo na faculdade ou na biblioteca, onde a certa altura só restavam risos sem sentido! Obrigada, por *aquela* noite fatídica de Queima! Levo-te comigo para a vida!

À Sara, ao Paulinho e ao Ricardo, o grupo dos fixes! Já lá vão 12 anos de amizade e sei que nunca me irão faltar... Obrigada pelo apoio incondicional, não só nesta fase, mas sempre! Prometo retomar as nossas *tainadas* em breve!

À Mara, à Soraia e ao Paulo! Obrigada pela caminhada que construímos juntos e por terem percebido os meus desatinos e algumas ausências nesta fase. Obrigada por sempre me aturarem!

À Susana, minha parceira desde os tempos de secundário! Obrigada pelas gargalhadas, pela presença constante na minha vida, pela certeza da nossa amizade e por *nunca* me teres falhado.

À Mita, muito mais do que uma animadora! Obrigada por teres aceite fazer parte de um momento tão importante da minha vida. Afinal, foi só mais um desses momentos, já que és um elemento importante todos os dias. Obrigada, pela paciência, amizade, compreensão e pelos ensinamentos. Pelos exemplos que dão vida...

Aos meus pequenos do Beshorah! Vocês que foram, ao longo dos anos, dando-me, indiretamente as competências necessárias para que pudesse ter a capacidade de elaborar esta tese com mais empenho e responsabilidade.

Ao Shalom! Pela espiritualidade, reflexão e silêncios necessários ao meu descanso e ao meu reabastecimento de forças.

Ao Oásis! Pela força transmitida na música, por cada nota tocada e cantada, tantas vezes sem saber onde estava a força para afinar. Bem lá no fundo, sei...

À minha família! Porque sempre me apoiou e acreditou em mim, sempre me mostrando um sorriso de orgulho que ajudou a que fosse um pouquinho mais fácil.

À minha mãe! Pelo que me apoiaste, incentivaste e compreendeste nesta fase e em toda a minha vida. Obrigada por me teres sempre feito acreditar que seria capaz...

Ao Márcio, o melhor do mundo! A ti, devo-te tudo. Obrigada por toda a paciência, compreensão e apoio incondicional. Obrigada por me teres dado ainda mais forças e motivos para dar o melhor de mim, para me empenhar e esforçar por concluir com sucesso mais esta etapa da minha vida, que passou a ser da nossa vida! Obrigada pela constante presença, e compreensão pelas minhas ausências. Obrigada por me fazeres sentir que tens orgulho em mim! Obrigada pela preocupação constante e pelo teu sorriso, sempre. *Contigo, é simples...*

Resumo

Nos últimos anos, a investigação tem-se debruçado cada vez mais sobre o tema da Violência no Namoro. Na sua globalidade, os estudos demonstram que são cada vez mais elevados os níveis de violência entre as relações íntimas juvenis, pelo que é urgente atuar sobre as atitudes dos jovens para prevenir comportamentos abusivos.

Neste sentido, procura-se neste estudo: (1) avaliar e explorar qual a atitude dos participantes relativamente à violência no namoro; (2) considerar e explorar quais são os fatores relacionados com situações de violência no namoro apontados pelos participantes; (3) estimar o número de participantes que já foi vítima e/ou agressor(a) de violência no namoro.

Participaram neste estudo 96 jovens universitários (18 – 20 anos) que frequentam o 1º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Como forma de avaliar as atitudes dos jovens face à violência no namoro foi utilizada uma adaptação da Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), traduzida para a população portuguesa por Saavedra, Machado, e Martins (2008). Para além da escala de atitudes, elaboramos um conjunto de questões que nos permitisse estimar o número de participantes que já foi vítima e/ou agressor(a) de violência no namoro, bem como os fatores predisponentes associados.

Os resultados indicam que os participantes revelam valores de legitimação da Violência no Namoro inferiores à maioria dos estudos desta área, inclusivamente ao estudo de validação de Saavedra (2010), não havendo diferenças significativas entre rapazes e raparigas. Relativamente aos tipos de violência, verifica-se que há uma maior legitimação da violência sexual, quer esta seja praticada pelas raparigas, quer seja por rapazes. Verificou-se que há relação entre os vários tipos de violência, o que pode indicar que quanto maior é o nível de legitimação de um tipo de violência, maior será também de qualquer outro tipo e dos vários tipos de violência em simultâneo.

Torna-se importante intervir ao nível das atitudes, no sentido de prevenir comportamentos violentos nas relações íntimas juvenis. Para tal, é importante atuar preventivamente começando em idades mais precoces e com a ação dos vários agentes que atuam diretamente com os jovens.

Abstract

In recent years, research has been leaning more and more on the theme of Dating Violence. Taken together, the studies show that are ever higher levels of violence among youth intimate relationships, so it is urgent to act on the attitudes of young people to prevent predatory behavior.

In this sense, looking at this study: (1) evaluate and explore what the attitude of the participants in relation to dating violence; (2) consider and explore what are the factors related to situations of dating violence highlighted by the participants; (3) estimate the number of participants has already been victim and / or perpetrator of dating violence.

The sample consisted of 96 university students (18-20 years) attending the 1st year of the MSc in Psychology, Faculty of Psychology and Educational Sciences of the University of Porto. In order to assess the attitudes of young people in the face of dating violence was used an adaptation of Attitudes Toward Dating Violence Scale (EAVN), translated into the Portuguese population by Saavedra, Machado and Martins (2008). In addition to the scale of attitudes, we developed a set of questions that allow us to estimate the number of participants who have been a victim and / or perpetrator of dating violence and the predisposing factors associated.

Results indicate that participants reveal legitimacy values in Dating Violence lower than most studies in this area, including the study of validation Saavedra (2010), with no significant differences between boys and girls. With regard to types of violence, it turns out that there is a greater legitimacy of sexual violence, whether it is practiced by girls, either by boys. It was found that there is a relationship between the various types of violence, which may indicate that the higher the level of legitimacy of a kind of violence, the greater will also be of any other type and various types of violence simultaneously.

It is important to intervene at the level of attitudes, in order to prevent violent behavior in youth intimate relationships. To this end, it is important to act preventively starting at earlier ages and with the action of the various actors who work directly with young people.

Résumé

Au cours des dernières années, la recherche a été appuyé de plus en plus sur le thème de la violence dans les rencontres. Pris ensemble, les études montrent que sont jamais des niveaux élevés de violence parmi les relations intimes de la jeunesse, il est donc urgent d'agir sur les attitudes des jeunes à éviter tout comportement prédateur.

En ce sens, en regardant cette étude: (1) évaluer et explorer ce que l'attitude des participants par rapport à violence dans les fréquentations; (2) examiner et étudier quels sont les facteurs liés à des situations de violence dans les fréquentations mis en évidence par les participants; (3) estimer le nombre de participants a déjà été victime et / ou auteur de la violence dans les fréquentations.

L'échantillon se composait de 96 étudiants universitaires (18-20 ans) participant à la 1ère année du MSc en Psychologie, Faculté de Psychologie et Sciences de l'Education de l'Université de Porto. Afin d'évaluer les attitudes des jeunes face à la violence dans les fréquentations a été utilisé une adaptation de l'échelle Attitude à propos de la violence dans les fréquentations (EAVN), traduit dans la population portugaise par Saavedra, Machado et Martins (2008). En plus de l'ampleur des attitudes, nous avons développé une série de questions qui nous permettent d'estimer le nombre de participants qui ont été une victime et / ou de l'auteur de violence dans les fréquentations et les facteurs prédisposants associés.

Les résultats indiquent que les participants révèlent les valeurs de la violence dans les fréquentations légitimité plus faible que la plupart des études dans ce domaine, y compris l'étude de validation Saavedra (2010), sans différence significative entre les garçons et les filles. En ce qui concerne les types de violence, il se trouve qu'il ya une plus grande légitimité de la violence sexuelle, si elle est pratiquée par les filles, soit par les garçons. Il a été constaté qu'il existe une relation entre les différents types de violence, ce qui pourrait indiquer que plus le niveau de la légitimité d'un type de violence, la plus grande aura aussi de tout autre type et les différents types de violence simultanément.

Il est important d'intervenir au niveau des attitudes, afin de prévenir les comportements violents dans les relations intimes de jeunes. À cette fin, il est important d'agir préventivement en commençant à un âge précoce et l'action des différents acteurs qui travaillent directement avec les jeunes.

Abreviaturas

EAVN – Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

VFF – Violência Física Feminina

VFM – Violência Física Masculina

VPF – Violência Psicológica Feminina

VPM – Violência Psicológica Masculina

VSF – Violência Sexual Feminina

VSM – Violência Sexual Masculina

APAV – Associação de Apoio à Vítima

Índice

	Página
Introdução	3
Parte I – Enquadramento Conceptual	5
Capítulo 1 – Violência nas Relações de Intimidade	6
Capítulo 2 – Violência nas Relações Íntimas Juvenis	9
1. A Adolescência e o Namoro	9
2. A Violência no Namoro	11
2.1. Definição de conceitos	11
2.2. Dados epidemiológicos sobre a problemática	11
2.3. Tipologias de violência	14
2.4. Processos, dinâmicas e fatores predisponentes para a violência	16
Contributo para o estudo da Violência no Namoro em jovens universitários portugueses	22
Parte II – Estudo Empírico	23
1. Método	24
1.1. Participantes	24
1.2. Instrumento	24
1.3. Procedimento	25
2. Resultados	27
3. Discussão e Conclusão	36
Referências Bibliográficas	42
Anexos	52

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. Valores de Legitimação da Violência no Namoro nas Diferentes Subescalas apresentados por ordem decrescente	27
Quadro 2. Comparação de Média e desvio padrão entre o presente estudo e o estudo da validação da escala para as diferentes subescalas, por ordem decrescente	28
Quadro 3. Comparação de médias e desvios-padrão para as diferentes subescalas consoante o sexo do participante	29
Quadro 4. Estatísticas para a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – agressor(a)	29
Quadro 5. Estatísticas para a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima	30
Quadro 6. Fatores relacionados com a Violência no Namoro por ordem decrescente	31
Quadro 7. Relação entre dois componentes do questionário	31
Quadro 8. Relação entre o total do instrumento EAVN e as seis subescalas da EAVN	32
Quadro 9. Relação entre os 3 fatores mais apontados pelos participantes relacionados com a violência no namoro, as seis subescalas da EAVN e a escala total da EAVN	34

Introdução

Historicamente, a investigação na área das relações de intimidade era centrada quase de forma exclusiva na violência marital. Pesquisas mais recentes têm-se alargado para outros grupos, nomeadamente os jovens, internacionalmente com a terminologia “*dating violence*” ou “*courtship violence*”, em Portugal, “violência no namoro” ou “violência nas relações íntimas juvenis” (Caridade, & Machado, 2006).

A investigação demonstra que os adolescentes de ambos os sexos evidenciam uma reduzida concordância com o uso da violência nas relações íntimas (Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999; O’Keefe, 1997). Todavia, foram encontrados em algumas investigações desta área, níveis elevados e alarmantes de violência nas relações de intimidade juvenis, sendo este o motivo principal pelo qual esta área começou a ser mais analisada (e.g., Price et al., 1999).

A maioria dos estudos comprova uma associação entre comportamentos violentos nos relacionamentos íntimos juvenis e futura violência conjugal, o que faz com que a violência no namoro se apresente como um forte preditor da violência marital (Caridade, 2008; Leitão, 2013; O’Leary, Barling, Arias, Rosenbaum, Malone, & Tyree, 1989).

As consequências da violência no namoro levam à manifestação de um conjunto de sintomas (e.g. Paiva & Figueiredo, 2005), nomeadamente *stress* pós-traumático, ansiedade, depressão e maior suscetibilidade de recorrer ao uso de substâncias e de adotar comportamentos de risco. Assim, a violência no namoro pode estar globalmente relacionada com níveis inferiores de bem-estar psicológico (Callahan, Tolman & Saunders, 2003; Howard & Wang, 2003).

Sabendo que a violência nas relações de intimidade tem frequentemente início nas relações de namoro (Caridade, 2008) e está associada a comportamentos de risco, “é urgente atuar com os jovens antes de iniciarem as suas relações de intimidade, de modo a mudarem atitudes, crenças e valores relacionados com os papéis sexuais tanto das mulheres como dos homens, as masculinidades, as conceções do amor e da intimidade e os direitos humanos” (Leitão, 2013, p. 19).

Neste sentido, considerou-se pertinente o estudo das atitudes dos jovens portugueses em relação à problemática em questão, bem como avaliar a perceção que os

jovens detinham sobre um conjunto de fatores predisponentes da violência no namoro, em função das suas vivências enquanto vítimas e/ou enquanto agressores.

Esta dissertação está dividida em duas grandes partes. A primeira parte, de enquadramento conceptual, é ser constituída por dois capítulos. No primeiro capítulo, apresentar-se-á conceitos relacionados com a Violência nas Relações de Intimidade. O segundo capítulo centrar-se-á no foco na Violência no namoro, apresentando-se definições de conceitos, dados epidemiológicos sobre a problemática, tipologias de violência, processos, dinâmicas e fatores predisponentes para a violência, explicitando a pertinência e contributo do presente estudo, bem como as questões de investigação.

A segunda parte corresponde ao estudo empírico propriamente dito, onde no método se descreverão os participantes, instrumento e procedimentos adotados. Posteriormente, proceder-se-á à apresentação dos resultados, bem como à discussão dos mesmos e elaboração de conclusões.

Capítulo I – Violência nas Relações de Intimidade

Violência nas Relações de Intimidade. A Violência nas Relações de Intimidade (VRI) configura uma grave violação dos direitos humanos, assumindo-se como “um obstáculo à concretização dos objetivos de igualdade, desenvolvimento e paz e que viola, dificulta ou anula o gozo dos direitos humanos e liberdades fundamentais” (Presidência do Conselho de Ministros, 2010, p. 2).

A VRI diz respeito a qualquer comportamento ou atitude abusiva de índole físico, psicológico ou sexual entre pessoas que estejam casadas, coabitem ou tenham tido um relacionamento íntimo (Sartin, Hansen & Huss, 2006). Pode ocorrer durante uma relação, independentemente da sua duração, ou após o seu término (Harvey, Garcia-Moreno & Butchart, 2007). A VRI pode ocorrer dentro do casamento ou noutras relações íntimas de curto ou longo prazo e ser perpetrada por atuais ou ex-parceiros íntimos (OMS, 2002), ou seja, contempla também a violência no namoro.

As relações íntimas, quer sejam maritais, coabitacionais ou de namoro, são por vezes pautadas pela presença de algum índice de disfunção e de abuso (Paiva & Figueiredo, 2003). Frequentemente vemos os termos violência doméstica, violência conjugal¹ e violência nas relações de intimidade com poucas diferenças nos seus significados. De facto, todos se referem a violência nas relações interpessoais íntimas e englobam todos os atos de violência física, psicológica e sexual perpetrados por pessoas e contra pessoas, conceito que foi alargado a ex-cônjuges e a pessoas do outro ou do mesmo sexo com quem a vítima mantenha ou tenha mantido uma relação, com ou sem coabitação (Resolução do Conselho de Ministros, 2010). Ainda que com significados próximos, faz sentido explorar cada um dos conceitos.

Violência Doméstica. A Violência Doméstica representa uma grave violação dos direitos humanos e um problema de saúde pública. Em Portugal, é considerada um crime público desde 2000 (Lei 7/2000, de 27 de maio).

¹ Como a noção de violência nas relações de intimidade resulta da necessidade de alargar a noção de violência conjugal, de modo a abranger a violência exercida entre companheiros envolvidos em diferentes tipos de relacionamentos íntimos e não apenas na conjugalidade *strictus sense*, optamos por não a apresentar.

A Violência Doméstica diz respeito a todo e qualquer ato violento e criminal praticado no seio de uma família, como por exemplo, esposos, companheiros, progenitores, ascendentes ou descendentes, ou seja, pessoas que residem no mesmo espaço doméstico; ou não, no caso de ex-cônjuges, ex-namorados, ex-companheiros. Também o tipo de violência pode variar entre sofrimentos de índole física, emocional, social ou psicológica, não esquecendo outras formas graves de violência, como o assédio sexual, a violação, o casamento forçado, os chamados “crimes de honra” e a mutilação genital (Machado & Gonçalves, 2002).

Manita (2005, p.7) confirma que a Violência Doméstica é “um comportamento violento continuado ou um padrão coercivo exercido direto ou indiretamente sobre qualquer pessoa que habite no mesmo agregado familiar (e.g., cônjuge, filhos, pai, mãe, avó, avô) ou que mesmo não coabitando, seja seu companheiro(a) ou ex-companheiro(a), e que resulte em danos físicos, sexuais, psicológicos, imposição de isolamento social ou de privação econômica, ou vise dominar o outro, fazê-lo sentir-se, subordinado, incompetente, sem valor, ou viver num clima de medo”.

É um conceito universal, não distinguindo classe social, idade, gênero, religião, etnia ou cultura, estado civil, nível de formação ou orientação sexual (Lourenço & Carvalho, 2001).

Violência de gênero. A violência nas relações de intimidade, na maioria das vezes é exercida pelos homens contra as mulheres, mas pode também ser perpetrada por mulheres contra os homens, não esquecendo que pode ainda ocorrer no âmbito de relações de intimidade de pessoas do mesmo sexo (Leitão, 2013).

A investigação tem-se debruçado essencialmente na violência contra as mulheres, dando pouca ênfase à violência contra o sexo masculino. Porém, nos últimos anos, a literatura tem vindo gradualmente a concluir que a violência nas relações de intimidade não se limita ao sexo feminino e que os homens também podem ser vítimas (Straus, 2004).

As opiniões são divergentes quanto à questão da existência ou não de simetria de gênero na violência das relações, havendo apenas consenso relativamente aos danos e sequelas causadas, sendo que a mulher sofre os maiores danos (Archer, 2000; Holtzworth-Munroe, 2000; Caridade & Machado, 2006).

Efetivamente, o que se verifica, segundo Archer (2000) é que as mulheres são significativamente mais propensas a recorrer à violência física contra os seus parceiros e a fazê-lo com mais frequência do que os homens. No entanto, tendo em conta as consequências da agressão, os homens infligem ferimentos mais graves às suas companheiras, sendo que estes ferimentos são quase sempre visíveis ou necessitam de tratamento médico.

A violência de género tem vindo a ser conceptualizada como todo o ato de violência baseado no género, do qual resulte, ou possa resultar, dano ou sofrimento físico, sexual e psicológico, incluindo as ameaças de tais atos e coação ou privação arbitrária de liberdade, quer ocorra na vida pública ou privada (Johnson, 2008). Desta forma, o agressor pretende “a intimidação, a punição, a humilhação, a manutenção dos papéis estereotipados ligadas ao género, ou recusar-lhe a dignidade humana, a autonomia sexual, a integridade física, mental e moral e abalar a sua segurança pessoal, a autoestima ou a sua personalidade, ou diminuir as suas capacidades físicas e/ou intelectuais” (Leitão, 2013, p.27-28).

A violência de género inclui a violência física, sexual e psicológica, referente a todas as práticas prejudiciais à mulher. Este tipo de violência engloba não só atos violentos por parte do cônjuge, ex-cônjuge, namorado ou ex-namorado, como também violência relacionada com a “exploração física, sexual e psicológica a nível da comunidade em geral, incluindo estupro, abuso sexual, assédio sexual e intimidação no trabalho, nas instituições e nas outras áreas, o tráfico de mulheres e a prostituição forçada.” Também qualquer tipo de violência “perpetrada ou tolerada pelo Estado, onde quer que ocorra, a violação dos direitos fundamentais das mulheres em situação de conflito, a escravatura sexual, a gravidez forçada, o tráfico com o fim de exploração sexual e económico, bem como o turismo sexual” são práticas consideradas como violência de género (Conselho Europa, 2002, p. 4).

Capítulo II – Violência nas Relações Íntimas Juvenis

1. A Adolescência e o Namoro

A adolescência constitui a fase da vida onde a identidade sexual e de gênero emerge e se clarifica (Paul & White, 1990). Todas as áreas de desenvolvimento vão-se consolidando à medida que os adolescentes começam a estabelecer uma identidade, incluindo uma identidade sexual, que transportarão para a idade adulta (Jackson, 1999).

Segundo Erikson (1968), a identidade forma-se quando os jovens resolvem três questões essenciais: a escolha de uma profissão, a adoção e a vivência segundo valores próprios, e o desenvolvimento de uma identidade sexual satisfatória (*citado por* Papalia, Olds & Feldman, 2001). Uma fonte importante de apoio emocional, durante a transição da adolescência, é o envolvimento crescente dos jovens com os seus pares, pois este grupo constitui uma fonte de afeto, compreensão e orientação moral, onde se vão formando relações amorosas (Buhrmester, 1996; Coleman, 1980; Gecas e Seff, 1990; Laursen, 1996; Newman, 1982).

O namoro. Para Straus (2004, p. 792), o namoro pode ser compreendido “como um relacionamento dinâmico, que envolve um conhecimento com propósito de socialização, bem como o de obter companhia para desenvolver atividades, com um carácter explícito ou implícito de perpetuar a relação amorosa, até ao momento em que uma das partes termine, ou até ao momento que um outro tipo de relação (e.g. viver em união de facto, noivado, casamento) com outro grau de importância se imponha”.

Já Murray e Kardatzke (2007) definem o namoro como um relacionamento no qual duas pessoas, independentemente da orientação sexual, partilham uma ligação emocional, romântica e/ou sexual para além da amizade, embora não sejam casados, nem tampouco tenham algum compromisso de vida objetivo.

Com o começo das relações amorosas no namoro, a maioria dos adolescentes começa a pensar na necessidade de estabelecer relações fundamentadas no companheirismo, intimidade, suporte, autonomia e estatuto social (Furman & Wehner, 1997).

Fases das relações amorosas na adolescência. Baseado na perspectiva do desenvolvimento psicossocial de E. Erickson, Brown (1999) propõe um modelo com 4 fases das relações amorosas na adolescência. Segundo este modelo, até à fase do afeto (fase 3), o adolescente encontra-se muito centrado em si mesmo e na construção da sua identidade, sendo que o grupo de pares vai, lentamente, perdendo terreno e importância para o jovem.

A primeira fase, *iniciação* (aproximadamente entre os 11 e os 13 anos), caracteriza-se por algum egocentrismo, uma elevada centração do adolescente em si mesmo e nas suas competências pessoais, não havendo propriamente um interesse numa relação amorosa.

Na segunda fase, *estatuto* (aproximadamente entre os 13 e os 16 anos), o adolescente sente-se, de certa forma, pressionado a estabelecer relações amorosas, sendo que, algumas vezes, estas funcionam como forma de aceitação ou promoção junto do grupo de pares.

Na terceira fase, *afeto* (aproximadamente entre os 17 e os 21 anos), surge uma mudança na crença da relação romântica, que se focaliza já na relação em si mesma, passando a perder importância as questões do estatuto e do prestígio perante os outros e verificando-se um maior investimento emocional e sexual na relação.

Por último, na quarta fase, *ligação* (aproximadamente a partir dos 21 anos), o jovem procura e deseja manter uma relação sólida e profunda, alcançada na fase anterior, e projetar-se no futuro.

O namoro é considerada a melhor etapa vivida por um casal, o que torna difícil a compreensão da existência de uma relação de namoro violenta, levando a percebermos a existência de “uma das maiores contradições da natureza humana: o facto de algumas das ofensas pessoais mais severas ocorrerem nas relações de amor” (Arriaga & Stuart, 1999, p.3).

2. A Violência no Namoro

2.1. Definição de conceitos

A violência nas relações de intimidade é um problema que atinge não só os adultos, mas também os jovens adolescentes e os jovens adultos (Caridade, 2011). Nesta linha, Matos (2000) conclui que, de uma forma geral, há uma relação entre os casamentos abusivos e as relações de namoro violentas que os precedem. O’Leary, Barling, Arias, Rosenbaum, Malone, e Tyree (1989) acompanharam casais com histórico de violência no namoro na transição para o casamento, verificando que cerca de metade afirmavam que as experiências abusivas se mantinham.

Smith e Donnelly (2000) apresentam uma definição de violência no namoro como sendo todo o tipo de abuso físico, sexual e emocional que tenha lugar no contexto de uma relação amorosa. Complementando esta ideia, Lavoie, Robitaille e Hébert (2000, p.8), definem a violência no namoro como “qualquer comportamento que é prejudicial para o desenvolvimento do parceiro ou da sua saúde, comprometendo a sua integridade física, psicológica ou sexual”.

A violência no namoro pode também ser definida como o controle ou domínio do outro, recorrendo à força física, psicológica ou sexual, causando dano (Wekerle & Wolfe, 1999). Já Murray e Kardatze (2007) subscrevem os autores Sugarman e Hotaling (1989), considerando a violência no namoro como o uso da força física, ameaça ou restrição, perpetrada com a intenção de causar dor ou lesão para o outro.

2.2. Dados epidemiológicos sobre a problemática

A violência no namoro começou lentamente a ser considerada um problema social relevante e merecedor de atenção por parte da comunidade científica e da sociedade. No entanto, ainda existem poucos estudos sobre este tipo de violência, quando comparada com a violência na intimidade entre adultos (Callahan, Tolman, & Saunders, 2003).

São apontados alguns obstáculos à visibilidade social da violência no namoro e que, durante anos, contribuíram para que não fosse tão valorizada, como por exemplo, a dificuldade em definir violência e a sua operacionalização, a dificuldade de acesso à população juvenil (Hickman, Jaycox, & Aronoff, 2004), e/ou a inexistência de um estatuto legal que não esteja intimamente focado na violência conjugal, pondo em causa,

deste modo, a sinalização, o acesso desta população aos serviços de apoio formais e a produção do conhecimento científico neste âmbito (Caridade & Machado, 2006).

Este tipo de violência começou a assumir-se graças a um estudo pioneiro na área da violência na intimidade juvenil desenvolvido por Makepeace, em 1981. Este estudo veio revelar que um em cada cinco estudantes universitários já tinha vivido situações de violência no namoro e que 61% dos jovens revelava conhecer jovens com experiências de namoro abusivas (Caridade & Machado, 2006).

Alguns estudos internacionais desenvolvidos na área da violência na intimidade juvenil vieram contrariar a ideia de senso comum de que o homem é o perpetrador e a mulher a vítima de violência (Caridade & Machado, 2006). O que se pode verificar, através da análise de várias investigações internacionais e nacionais desenvolvidas nesta área, é que a violência nas relações amorosas se caracteriza por trocas mútuas de agressões (e.g., Magdol, Moffitt, Caspi, Newman, Fagan, & Silva, 1997; Lewis & Fremouw, 2001; Paiva & Figueiredo, 2004; Straus, 2004), não existindo diferenças significativas entre géneros relativamente à adoção de comportamentos violentos. Contudo, o que se verifica é que as raparigas experienciam níveis mais elevados de violência severa e têm reações emocionalmente mais acentuadas que os rapazes (Molidor & Folman's, 1998; *citado por* Caridade & Machado, 2006), indo de encontro ao que acontece relativamente à violência nas relações de intimidade. No entanto, esta questão parece não ser unânime. Num estudo utilizando a metodologia *Focus Group* realizado por Gallopin e Leigh (2009), concluiu-se que era consensual a crença de que as raparigas eram mais vítimas de violência no namoro do que os rapazes. De facto, as crenças e os padrões tradicionais de género existentes na sociedade parecem explicar estes resultados.

A nível internacional, uma revisão de estudos efetuada por Sugarman e Hotaling (1991; *citado por* Caridade & Machado, 2006) indica que cerca de 28% dos homens e mulheres, terão estado ou estarão inseridos numa relação de namoro violenta, em algum momento das suas vidas, com uma maior probabilidade de os atos violentos ocorrerem em relações afetivas mais duradouras e em que existe coabitação.

Segundo James, West, Deters e Armijo (2000), pelo menos 25% dos namoros na adolescência são violentos.

Berry (2000; *citado por* Caridade & Machado, 2006) reforça estas conclusões ao concluir que 20% a 30% dos jovens que estão inseridos numa relação amorosa já experienciaram algum tipo de violência.

Corroborando estes dados, alguns autores (e.g., Bergman, 1992) afirmam que entre 12% a 59% dos estudantes universitários já foram alvo de algum tipo de abuso nas suas relações amorosas.

Em Portugal, estima-se que um em cada quatro jovens é vítima de violência no namoro (APAV, 2012). Alguns estudos mais recentes indicam que entre 30% a 60% dos jovens universitários já experimentaram, pelo menos uma vez, violência física nas suas relações afetivas íntimas (Moura, 2012). Nesta linha, 15.5% de jovens envolvidos em relações amorosas afirmaram já ter sido vítimas de violência, pelo menos uma vez e 21.7% admitiram ter sido agressores (Machado, Matos & Moreira, 2003; *citado por* Caridade & Machado, 2006).

No ano de 2013, segundo o Relatório Anual de Monitorização de Violência Doméstica, do Ministério da Administração Interna, em cerca de 6% das participações, as Forças de Segurança assinalaram existir uma relação de namoro (presente de 2.6%, e passada de 3%) entre vítima e denunciado/a.

Ainda noutro estudo levado a cabo por Antunes e Machado (2012) com estudantes do ensino secundário e universitário, em que se pretendia avaliar os níveis de violência nas relações íntimas ocasionais, os resultados indicaram que 43.2% dos estudantes perpetraram pelo menos um ato abusivo contra um parceiro(a) ocasional, (30.1% de natureza física), e que 37.3% foram alvo de violência, (20.4% de agressão física) indo de encontro aos dados de outros estudos nacionais (e.g., Machado, Caridade, & Martins, 2009).

Oliveira e Sani (2005, p. 1069), com o objetivo de avaliar os comportamentos dos jovens universitários face à violência no namoro, concluíram que “52% dos inquiridos admitem ter agredido o seu companheiro amoroso e 42% admitem terem sido vitimados nas suas relações”.

Num outro estudo realizado por Oliveira (2011) em que se pretendia avaliar os resultados de um programa de prevenção em violência no namoro, foi possível constatar que a violência no namoro está presente em 25% dos jovens universitários.

2.3. Tipologias de violência

Atualmente é consensual a consideração da existência de vários tipos de violência no namoro: violência física, violência sexual e violência psicológica e/ou emocional (Caridade & Machado, 2006). A classificação tradicional de violência agrupa o comportamento violento nestas três grandes categorias, não existindo uma definição unânime para cada uma das categorias.

Violência física. A violência física ocorre quando o agressor exerce poder sobre o(a) companheiro (a), fazendo uso da força, como por exemplo, bater, empurrar, sufocar, morder, pontapear e puxar o cabelo (Smith & Donnelly, 2000; Wekerle & Wolfe, 1999). Num estudo realizado por Haberyan e Kibler (2008), um em cada quatro jovens universitários experienciaram violência física no namoro enquanto frequentaram o ensino secundário. Vários estudos mostram que há uma prevalência significativa de casos de agressão física durante o período de namoro ou relação amorosa (Oliveira, 2011). Bergman (1992), numa amostra pré-universitária americana, verificou que tanto homens como mulheres sofreram abuso físico por parte do companheiro, embora a maioria das vítimas fossem do sexo feminino.

Violência sexual. Relativamente à violência sexual, esta ocorre quando existem atitudes e comportamentos sexuais, por parte do agressor, sem o consentimento do(a) companheiro(a) (Wekerle & Wolfe, 1999), como por exemplo uma “violação no contexto de um encontro amoroso, o uso de pressão para que a vítima tenha relações sexuais antes de estar preparada ou então para que tenha relações sexuais mais vezes do que esta deseja” (Smith & Donnelly, 2000, p. 57). Segundo alguns estudos, cerca de 50% dos estudantes universitários são vítimas de violência sexual no namoro (e.g. Caridade & Machado, 2008). Num estudo realizado por Paiva e Figueiredo (2004), 25.6% dos participantes revelou já ter sido vítima ou agressor de abuso ou coerção sexual, sendo que este tipo de violência foi assim considerada pelos jovens como a segunda forma de violência mais prevalente numa relação de namoro.

Violência psicológica e/ou emocional. A violência psicológica corresponde normalmente ao recurso da intimidação para controlar a vítima (Oliveira, 2011), como por exemplo, o isolamento, a perseguição, a ameaça de ofensa e o desprezo (Wekerle & Wolfe, 1999). Inicialmente, o tipo de violência que surge, na maioria dos casos, é do tipo psicológico, que se manifesta, quer num ambiente público, quer num ambiente privado. Este tipo de violência deixa a vítima insegura e com medo do seu companheiro e faz com que o agressor aumente a sua intensidade, abandonando a violência psicológica e escalando para a violência física, muitas vezes conjugando-se com os outros tipos (Alarcão, 2002).

Caridade (2011) realizou um estudo com jovens de diferentes níveis de formação (estudantes do ensino profissional, secundário, população universitária) e de diferentes áreas geográficas, cujas idades variam entre os 13 e os 19 anos. Os resultados indicam que 19.5% dos jovens já sofreram violência emocional, 13.4% de violência física e 6.7% de agressões mais graves. Em relação aos agressores (30.6%), verificou-se que 22.4% admitiram ter recorrido à violência emocional, 18.1% à violência física e 7.3% a agressões mais graves.

Múltipla vitimização. A ocorrência da múltipla vitimização em Portugal é um fenómeno muito pouco estudado. Para além disso, os poucos estudos que existem remetem apenas às mulheres vítimas de violência na intimidade (Sousa, 2011).

As experiências de vitimização num determinado domínio da vida da mulher, como por exemplo, na família, parecem afetar o funcionamento noutros domínios, tais como o sistema comunitário e a relação íntima (Kennedy, 2008), e contribuir para um padrão repetido de vitimização ao longo da vida, ou num determinado momento desta (Sousa, 2011).

No estudo de Lisboa, Vicente e Barroso (2005), verificou-se que em 49.5% dos casos analisados, as vítimas revelam de forma explícita que há uma combinação de vários tipos de violência, com tendência a que esta ocorra dentro de casa.

Segundo vários autores, tanto ao nível da vitimização como ao nível da perpetração da violência nas relações amorosas futuras, há relação entre a violência interparental e a violência nas relações íntimas juvenis como o impacto da exposição a

múltiplas formas de violência familiar (e.g., maus-tratos a menores, violência conjugal) (Caridade & Machado, 2006).

Os adolescentes que experimentaram múltiplas formas de maus-tratos revelam maiores níveis de ansiedade e instabilidade psicológica do que os seus pares que experimentaram formas de vitimização singular ou que não tenham nunca sofrido qualquer tipo de vitimização (Hibbard, Ingersoll, & Orr, 1990; Holt e Espelage, 2003; Naar-king, Silvern, Ryan, & Sebring, 2002).

2.4. Processos, dinâmicas e fatores predisponentes para a violência

Uma dinâmica habitual nas relações abusivas é a alternância entre a violência e um comportamento agradável com promessas de mudança (Benedictis, Jaffe & Segal, 2006), levando a uma ambiguidade de sentimentos e à dificuldade de tomada de decisão pela vítima.

Este ciclo de violência é importante pois permite-nos tentar perceber os motivos que levam as vítimas a sentirem-se culpadas pela violência cometida pelos agressores e a razão pela qual estas não abandonam a relação (Antunes, 2002).

Durante o ciclo de violência, “esta vai sofrendo alterações à medida que vai aumentando, nomeadamente na primeira fase, ficando mais intensa e curta. Na segunda fase, o ataque violento tende a ser com mais frequência e gravidade, enquanto na última fase existe menos intensidade e persistência” (*Idem*).

O ciclo de violência. Com a necessidade em compreender a razão pela qual em alguns casos é tão difícil para as mulheres deixar as relações de violência, Walker (1984) descreveu o ciclo da violência em três fases: a fase da emergência da tensão (“*Building Tension*”), a fase de agressão (“*Battering*”) e a terceira, a fase da reconciliação ou “*Honeymoon*”, variando no tempo e na intensidade dos atos (Yoshimura, 1995).

No que diz respeito à primeira fase, designada por *aumento da tensão*, o agressor cria um constante ambiente de perigo iminente para a vítima, ao adotar um clima intimidatório e de controlo. O agressor recorre a situações do dia-a-dia para provocar na vítima um aumento de tensão, que posteriormente irá originar quezílias, podendo assim

evoluir para o ato violento. Esta fase pode progredir mais rapidamente quando associada ao consumo de álcool ou de drogas (Ferreira, 2005; Manita, Ribeiro, & Peixoto, 2009; Walker, 2009).

Na segunda fase, o *ataque violento*, ocorre uma efetiva passagem ao ato, levando o ofensor a recorrer à violência física, psicológica e/ou sexual sobre a vítima. Estes atos tendem a aumentar de frequência e de intensidade (Ferreira, 2005; Manita, et al., 2009; Walker, 2009).

Na última fase, fase de *reconciliação*, o agressor muda a sua atitude e o seu comportamento, tornando-se afetuoso, atencioso e cuidadoso, para que a vítima o desculpabilize, prometendo mudar o seu comportamento, tentando convencer a vítima a não abandonar a relação (Ferreira, 2005; Manita, et al., 2009; Walker, 2009).

A compreensão dos processos inerentes ao início e decurso dos comportamentos violentos nas relações amorosas é difícil, sendo necessário um olhar sistémico, tendo em conta diversas dimensões de cada membro do casal e tendo em conta as diferenças entre cada um deles (Matos, 2006).

Este ciclo tem sido associado à violência conjugal, mas pode ser considerado também para a violência no namoro, com moldes muito semelhantes. No que diz respeito ao namoro, “as vítimas parecem envolver-se de um modo semelhante num padrão de abandonar e regressar à relação vezes sem conta. No entanto, a perceção que vão adquirindo da violência no namoro evolui ao longo de tempo, até que eventualmente começam a ver a violência como ela verdadeiramente é e reconhecem que não são culpadas pelo abuso” (Ismail, Berman & Ward-Griffin, 2007, p. 464).

Segundo Levy (1990, *citado por* Ehlert, 2007) existem vários fatores que agravam a existência de violência no namoro: a) as pressões, as inseguranças e o romantismo; b) as perceções erradas acerca do ciúme e do controlo; c) a conformidade com os papéis tradicionais de género; e d) a falta de experiência nas relações amorosas. A probabilidade de um adolescente sofrer abusos físicos ou psicológicos é superior à dos adultos, devido à sua falta de experiência, desejo de independência e a sua confiança no suporte dos pares, também eles inexperientes (Callahan, Tolman & Saunders, 2003).

Caridade (2011), elencou um conjunto de fatores de risco que podem influenciar uma maior predisposição à violência no namoro. Assim, esta autora, inspirada em alguns autores como Lewis e Fremow (2001), e Vézina e Hébert (2007), dividiu-os em diferentes categorias: fatores familiares (e.g., observar violência interparental); fatores ambientais (e.g., características dos grupos de pares); fatores sociodemográficos (e.g., género); fatores intrapessoais (e.g., autoestima); fatores interpessoais (e.g., duração da relação); fatores situacionais (e.g., consumo de álcool e/ou drogas).

Fatores familiares. A experiência de violência na família de origem parece ser um forte preditor da violência na intimidade juvenil (Dahlberg, 1998). Vários autores comprovaram a existência de uma associação direta e consistente entre violência no namoro e testemunhar violência interparental (e.g., Arriaga & Foshee, 2004; Carr & Vandeusen, 2002; Foo & Margolin, 1995; O’Keefe, Brockopp, & Chew, 1986), ou mesmo ter diretamente experienciado maus tratos parentais (e.g., Malik, Sorenson, Aneshensel, 1997; Wolfe, Scott, Reitzel-Jaffe, Wekerle, Grasley, Straatman, 2001). Segundo Paiva e Figueiredo (2003), crianças que sofreram maus-tratos durante a infância apresentam maior probabilidade para manterem relações amorosas futuras pautadas por comportamentos violentos. Isto pode significar que, uma criança que tenha assistido a maus-tratos entre os pais, venha mais tarde, numa relação amorosa, a permanecer numa relação violenta, pois aprendeu estes comportamentos por imitação e modelagem (Oliveira, 2011).

Fatores ambientais. A influência dos pares pode determinar comportamentos violentos na relação íntima (Caridade, 2011), tendo em conta que os adolescentes estão numa faixa etária em que estes assumem um papel importante nas suas vidas (Kinsfogel & Grych, 2004). A convivência com pares que já tenham tido experiências de violência íntima, quer como vítimas, quer como agressores, constitui um fator preponderante para a violência na intimidade juvenil (Arriaga & Foshee, 2004; Kinsfogel & Grych, 2004; Tontodonato & Crew, 1992).

Também tem sido verificado que os jovens que demonstram maiores níveis de violência com os pares, tendem a mostrar-se mais agressivos nas suas relações de namoro (Riggs & O’Leary, 1989; *citado por* Caridade, 2011).

A violência na escola e na comunidade poderá ser um fator que modele comportamentos agressivos e assim promova comportamentos violentos nas relações de intimidade (O'Keefe, 1998).

Fatores sociodemográficos. O principal foco de discussão na investigação nesta área, tem sido a variável género (Archer, 2000). De facto, tendo em conta a prevalência do problema, a violência sofrida e perpetrada por ambos os géneros, poderá assumir as mesmas proporções e ser exercida de forma recíproca. Se por outro lado for tido em conta a frequência, a severidade e o dano, as raparigas afirmam ser mais vítimas de formas de violência mais severa e mais de cariz sexual (Lane & Gwartney-Gibbs, 1985; Molitor, 1995; Molitor & Tolman, 1998).

No que diz respeito ao nível socioeconómico, verifica-se que os resultados têm-se mostrado inconsistentes. Se por um lado alguns estudos mostraram uma relação positiva entre níveis socioeconómicos médios-altos e a perpretação masculina da violência íntima (Rivera-Rivera, Allen-Leigh, Rodríguez-Ortega, Chávez-Ayala, & Lazcano-Ponce, 2007), outros registaram precisamente o inverso, pois foi nas classes socioeconómicas médias-baixas que foram registados níveis de violência mais elevados (e.g., Castro e Ruiz, 2004; Rivera-Rivera, et al., 2006). Segundo O'Keefe (1998) as pessoas com níveis socioeconómicos mais baixos tendem a adotar mais comportamentos violentos na intimidade, tornando-se por isso num grupo de risco para esta violência devido a fatores de diversa ordem, nomeadamente, *stress* provocado eventualmente por desemprego, problemas financeiros e eventual menor capacidade de *coping*. Tendo em conta que estas variáveis podem aumentar a probabilidade de recurso a violência, estes comportamentos podem também ser percecionados como normativos para as relações íntimas (O'Keefe, 1998).

Também o fator idade revela-se pouco consensual entre a comunidade científica, no que diz respeito à violência na intimidade juvenil (Lewis e Fremow, 2001), havendo um grande número de estudos que consideram até a idade como irrelevante (Gover, 2004; Harned, 2002; Howard, Qiu, & Boekeloo, 2003; Malik, Sorenson, & Aneshensel, 1997; Noland, Liller, McDermott, Coulter, & Seraphine, 2004). No entanto, outros estudos revelaram que as raparigas mais velhas têm maior probabilidade de virem a ser vítimas

(Kreiter, Krowchuk, Woods, Sinal, Lawless, & DuRant, 1999; Roberts, & Klein, 2003; Halpern, Oslak, Young, Martin, & Kupper, 2001).

Fatores intrapessoais. Alguns problemas psicológicos como a depressão, os comportamentos suicidas e uma baixa autoestima podem representar fatores de risco para a ocorrência de violência no namoro (Caridade, 2011), sendo que estes fatores, segundo alguns autores, são os que devem ter um olhar prioritário relativamente a outras explicações macro (Sharpe & Taylor, 1999; *citado por* Caridade, 2011). De facto, alguns estudos (e.g., Cleveland, Herrera, & Stuewig, 2003; Foshee et al., 2004) verificam uma associação entre depressão e a ocorrência de violência física e sexual nas relações de intimidade juvenis. Kreiter, Krowchuk, Woods, Sinal, Lawless, e DuRant (1999) concluíram que jovens com historial de tentativas de suicídio tendem a adotar comportamentos violentos nas relações de namoro com maior probabilidade relativamente a jovens sem esta história.

Relativamente à autoestima, os estudos desta área revelam-se pouco consensuais. Alguns estudos não encontraram qualquer associação entre uma baixa autoestima e a probabilidade de se adotar comportamentos violentos na intimidade juvenil (e.g., Cleveland et al., 2003; Foshee et al., 2004; O’Keefe, 1998), outros autores defendem que uma baixa autoestima aumenta a probabilidade de sofrer violência no namoro, sobretudo para sexo feminino (O’Keefe & Treister, 1998). Segundo um estudo de Roberts, Klein e Fisher (2003), verifica-se que a conduta antissocial na adolescência poderá estar associada a maiores níveis de vitimação nas relações de intimidade juvenil, para ambos os sexos.

Fatores interpessoais. Questões como a satisfação com a relação, as estratégias de resolução de problemas e as competências de comunicação são preponderantes para a ocorrência de comportamentos violentos na intimidade juvenil (Lewis & Fremow, 2001). Segundo alguns autores, jovens que revelem competências desadequadas de comunicação apresentam um maior risco de sofrer violência no namoro (Follete & Alexander, 1992; Riggs & O’Leary, 1996; *citado por* Caridade, 2011).

A falta de experiência nas relações amorosas, a duração da relação e o número de parceiros amorosos que o jovem já teve revelam-se como importantes fatores de risco (Matos, Machado, Caridade, & Silva, 2006; Caridade, 2011), dado que a exposição ao risco é mais elevada quanto maior a duração do relacionamento e quanto maior o número de parceiros, havendo uma maior probabilidade de experienciar violência, sobretudo no feminino (O’Keefe & Treister, 1998).

Fatores situacionais. A relação entre o consumo de substâncias e a violência no namoro tem gerado consenso como sendo um fator de risco preponderante (Barnes, Greenwood, & Sommer, 1991; Buzy, McDonald, Jouriles, Swank, Rosenfield, Shimek, & Corbitt-Shindler, 2004; Cleveland et al., 2003; Coker, Smith, Bethea, King, & McKeown, 2000; Gover, 2004; Harned, 2002; Howard & Wang, 2003; Kreiter, et al., 1999; Lavoie e al., 2000; Magdol et al., 1997; Malik et al., 1997; O’Keefe, 1997; Roberts et al., 2003).

Os estudos sugerem que o álcool constitui um importante fator de risco para a adoção de comportamentos violentos no namoro (e.g., Buzy et al., 2004). De facto, um dos fatores relacionados com a violência em geral e a violência no namoro, em particular, é o abuso de álcool e drogas, por ser considerado um comportamento de risco (Chase, Treboux, O’Leary, 2002) por provocar “uma desinibição e perda de controlo, que pode levar a que as pessoas digam ou façam algo que provoque conflito interpessoal e agridam verbal e fisicamente o outro mais rápido do que se este consumo não existisse” (McDonell, Ott & Mitchell, 2010, p. 1462).

Contributo para o estudo da Violência no Namoro em jovens universitários portugueses

Alguns estudos recentes (e.g. Saavedra, 2010) comprovam a existência de uma relação entre atitudes e comportamentos violentos na intimidade, chamando a atenção para a necessidade de prevenção nas atitudes (Moura, 2012) para prevenir comportamentos violentos futuros.

Importa salientar que, apesar de cada vez mais serem estudadas e valorizadas as atitudes associadas a esta problemática, são ainda muito escassos os estudos relacionados com a violência no namoro (Caridade, Machado & Vaz, 2007). De facto, crenças erradamente concebidas acerca da violência podem levar a atitudes de culpabilização da vítima, desresponsabilização do agressor, aumentando a probabilidade do envolvimento em relações íntimas violentas futuras (Machado, Caridade, & Martins, 2009).

Caridade (2011), no seu estudo, realçou a necessidade de analisar as atitudes dos jovens, bem como as experiências diretas dos jovens com a violência no namoro, quer como vítimas, quer como agressores. Posto isto, para além da escala de atitudes, elaboramos um conjunto de questões que nos permitisse avaliar os jovens que já foram vítimas e/ou agressores de violência no namoro, e os fatores predisponentes associados.

Neste sentido, o presente estudo pretende avaliar os seguintes tópicos de investigação:

- 1) Qual a atitude dos participantes relativamente à violência no namoro;
- 2) Quais as diferenças entre os participantes do sexo masculino e feminino relativamente aos vários tipos de violência;
- 3) Experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima e/ou agressor(a);
- 4) Quais são os fatores relacionados com situações de violência no namoro;
- 5) Qual a relação entre a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima e/ou agressor(a) – e a escala total da EAVN²;
- 6) Qual a relação entre as seis subescalas e a escala total da EAVN;
- 7) Qual a relação os três fatores mais apontados pelos participantes relacionados com a violência no namoro, as seis subescalas e a escala total da EAVN.

² EAVN – Escala de Atitudes Acerca da Violência no Namoro (Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999), traduzida e adaptada por Saavedra, Machado, e Martins, em 2008.

I. Método

1. Participantes

Participaram no presente estudo 96 jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos ($M = 18.67$; $DP = .69$). Todos os participantes frequentam o 1º ano do Mestrado Integrado em Psicologia da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. 9 participantes são do sexo masculino e 87 do sexo feminino.

2. Instrumento

A Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN), resulta de uma adaptação da *Attitudes Toward Dating Violence Scale*, desenvolvida por Price, Byers e *The Dating Violence Research Team*, em 1999. Foi traduzida e adaptada para a população portuguesa por Saavedra, Machado, e Martins em 2008.

Em Portugal, a validação final ocorreu apenas com adolescentes do 9º ano, embora também tenha sido testada com jovens do 7º ao 12º ano (Saavedra, 2010).

A EAVN é um instrumento de autorrelato, composto por 75 itens e dividido em seis subescalas de atitudes face à violência no namoro: violência física masculina (VFM) – e.g. “Normalmente, um rapaz só bate na namorada quando ela merece”; violência psicológica masculina (VPM) – e.g. “Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos”; violência sexual masculina (VSM) – e.g. “Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais”; violência física feminina (VFF) – e.g. “Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer”; violência psicológica feminina (VPF) – e.g. “As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir”; violência sexual feminina (VSF) – e.g. “Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais”. Estas subescalas fazem a divisão dos três tipos de violência (física, psicológica, sexual), consoante o perpetrador dessa mesma violência (sexo feminino ou masculino).

Relativamente à consistência interna do instrumento utilizado, depois de esta ter sido calculada, verificou-se que apresenta valores satisfatórios a elevados: VFM ($\alpha = .73$), VPM ($\alpha = .79$), VSM ($\alpha = .68$), VFF ($\alpha = .83$), VPF ($\alpha = .78$), VSF ($\alpha = .77$). A escala

total apresenta também uma excelente consistência interna com um valor de $\alpha = .94$, valor elevado, como já verificado no estudo de Saavedra (2010).

Os participantes encontravam 75 afirmações relacionadas com situações de violência no namoro. Cada uma destas afirmações deveria ser avaliada numa escala de 1 a 5 pontos, sendo 1 = “discordo totalmente” e 5 = “concordo totalmente”.

Por ser uma escala que se refere a atitudes, veio também preencher algumas lacunas de instrumentos anteriores, que se baseavam essencialmente na violência física, pondo de parte a maioria das vezes a violência psicológica, social, verbal, e também quase excluindo a possibilidade de ser a mulher a exercer violência e não ser sempre a vítima. Para além disso, verificava-se que quase todas as escalas se referiam a relações maritais e violência doméstica (Price et al., 1999).

Procedeu-se à reformulação da ordem dos itens, no sentido de colocar aleatoriamente os itens referentes às diversas escalas. Para tal, utilizou-se o “método de urna”, em que se colocava por ordem as questões que iam sendo retiradas. O valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens. Pontuações mais elevadas apontam uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos.

Para avaliar os fatores predisponentes relacionados com a violência no namoro, foi criado mais um conjunto de afirmações no sentido de tentar perceber algumas crenças dos jovens relativamente aos fatores que poderão estar relacionados com a violência no namoro. Apresentando-se várias afirmações, o jovem teria que, numa escala de 1 a 9 (em que 1 significa “nada” e 9 significa “totalmente”) indicar em que medida considera que determinados fatores podem estar relacionados com situações de violência no namoro. Permitiu-se também ao participante elencar a sua própria causa associada, deixando uma questão para que colocasse outro fator e o descrevesse.

Por fim, o jovem foi questionado se, ao longo dos seus relacionamentos, considera que, em algum momento, foi vítima ou agressor de violência no namoro, tendo em conta que as hipóteses de escolha poderiam ser “sim”, “não”, “não sei” ou “nunca estive num relacionamento amoroso” para ambas as situações (vítima e agressor).

3. Procedimento

A aplicação do instrumento demorou cerca de 15 minutos, em cada turma, tendo sido feita a 5 turmas, no início da aula autorizada para o efeito. Foi esclarecido que a participação era totalmente voluntária, sendo que qualquer um dos participantes podia desistir a qualquer momento e os dados eram absolutamente confidenciais.

Informava-se os participantes que iriam encontrar um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. O objetivo era que lessem atentamente essas frases e exprimissem a sua opinião em relação a cada uma delas. Foi esclarecido que não existiam respostas certas ou erradas, sendo a opinião é o mais importante.

II. RESULTADOS

Este capítulo será destinado à apresentação e descrição dos resultados, organizado de acordo com as questões de investigação apresentadas anteriormente.

2.1. Atitude dos participantes relativamente à violência no namoro

Os participantes apresentam um valor de legitimação de violência no namoro de $M = 19.50$; $DP = 4.36$. No estudo de Saavedra (2010), a média da legitimação é de 25.7, encontrando-se acima dos resultados obtidos: $t(95) = -13.95$; $p < .001$.

Através de uma *ANOVA* para Medidas Repetidas, verificamos que existem diferenças significativas ao nível das diferentes subescalas $F_{5,475} = 89.12$, $p < .001$. Utilizou-se o *T Test* para amostras emparelhadas, para analisar as subescalas duas a duas, no sentido de verificar se há diferenças dentro de cada subtipo de violência, independentemente se é perpetrada pelo sexo feminino ou masculino. Concluiu-se que há diferenças significativas entre todas as subescalas ($p < .05$), exceto na comparação entre a subescala Violência Física Masculina e Violência Sexual Feminina ($p = .245$).

Como se poderá verificar no Quadro 1, regista-se um valor superior de legitimação da violência no namoro na violência psicológica masculina ($M = 24.09$; $DP = 6.22$), seguindo-se a violência psicológica feminina ($M = 22.53$; $DP = 6.53$). Por sua vez, a subescala com os valores mais baixos foi a de violência sexual masculina ($M = 15.68$; $DP = 3.73$).

Estes resultados sugerem que é na violência psicológica que se verifica um maior nível de legitimação, quer esta seja perpetrada por rapazes, quer por raparigas. Por outro lado, a violência sexual é pouco legitimada pelos participantes do presente estudo.

Quadro 1. Valores de Legitimação da Violência no Namoro nas Diferentes Subescalas apresentados por ordem decrescente

Diferentes subescalas	M	DP	MÍN.	MÁX.
Violência Psicológica Masculina	24.09 ^a	6.22	14	45
Violência Psicológica Feminina	22.53 ^a	6.53	13	44
Violência Física Feminina	20.92 ^a	6.22	12	36
Violência Sexual Feminina	17.16 ^b	4.91	12	37
Violência Física Masculina	16.60 ^b	4.62	12	29
Violência Sexual Masculina	15.68 ^a	3.73	12	26
Total	19.50	4.36	12.5	32

Comparação dos valores de legitimação obtidos no presente estudo com os valores de legitimação do estudo de validação da escala. Através da comparação das médias do presente estudo com as médias obtidas por Saavedra (2010), verifica-se que há diferenças significativas em todas as subescalas e também na escala total, já acima referido: Violência Física Feminina $M = 20.92$; $DP = 6.22$; $t(95) = -9.74$; $p < .001$; Violência Física Masculina $M = 16.60$; $DP = 4.62$; $t(95) = -14.61$; $p < .001$; Violência Psicológica Feminina $M = 22.53$; $DP = 6.53$; $t(95) = -5.58$; $p < .001$; Violência Psicológica Masculina $M = 24.09$; $DP = 6.22$; $t(95) = -10.97$; $p < .001$; Violência Sexual Feminina $M = 17.16$; $DP = 4.91$; $t(95) = -14.74$; $p < .001$; Violência Sexual Masculina $M = 15.68$; $DP = 3.73$; $t(95) = -15.93$; $p < .001$.

Comparando com os dados da validação da escala (cf. Quadro 2), verificaram-se em todas as escalas valores inferiores de legitimação de violência no namoro no presente estudo, indo de encontro à diferença no valor total da escala do presente estudo e no estudo de validação. Da mesma forma que a subescala com valores superiores de legitimação na violência no namoro no presente estudo é a de violência psicológica masculina e a subescala com valores inferiores é a de violência sexual masculina, o mesmo acontece no estudo de Saavedra (2010). No entanto, as restantes escalas não apresentam a mesma ordem no estudo presente e no estudo de validação (cf. Quadro 2).

Estes valores indicam-nos que, em geral, há uma maior legitimação da violência psicológica perpetrada pelos rapazes. Por sua vez, há uma menor legitimação da violência sexual praticada pelos rapazes.

Quadro 2. Comparação de Média e desvio padrão entre o presente estudo e o estudo da validação da escala para as diferentes subescalas, por ordem decrescente

Dados Estudo Presente <i>N = 96</i>			Dados Estudo Validação <i>N = 411</i>		
	M	DP		M	DP
Violência Psicológica Masculina	24.09	6.22	Violência Psicológica Masculina	31.05	7.29
Violência Psicológica Feminina	22.53	6.53	Violência Física Feminina	27.1	7.80
Violência Física Feminina	20.92	6.22	Violência Psicológica Feminina	26.25	7.14
Violência Sexual Feminina	17.16	4.91	Violência Sexual Feminina	24.55	6.50
Violência Física Masculina	16.60	4.62	Violência Física Masculina	23.5	7.30
Violência Sexual Masculina	15.68	3.73	Violência Sexual Masculina	21.75	6.11
Total	19.47	4.39	Total	25.7	7.02

2.2. Diferenças entre os participantes do sexo masculino e feminino relativamente aos vários tipos de violência

Através de uma *OneWay* ANOVA, verificou-se que relativamente ao tipo de violência e ao sexo do participante, há diferenças significativas no que diz respeito à violência sexual feminina ($F_{1,95} = 8.593$, $p = 0.004$) e à violência sexual masculina ($F_{1,95} = 3.962$, $p = 0.049$). Não há diferenças significativas entre as restantes subescalas: maior $F_{1,95} = .074$; $p = .787$. Estes resultados indicam que há uma menor legitimação da violência sexual, quer esta seja praticada pelas raparigas, quer seja por rapazes, como já se tinha concluído anteriormente.

Atendendo à direção das diferenças através das médias, verifica-se que os participantes do sexo masculino apresentaram uma maior legitimação da violência relativamente às questões de violência sexual praticada por raparigas ($M = 21.56$; $DP = 8.95$) e violência sexual praticada por rapazes ($M = 18.00$; $DP = 6.26$). Relativamente aos participantes do sexo feminino, as médias obtidas foram 16.70 ($DP = 4.12$) e 15.44 ($DP = 3.34$), para a legitimação da violência sexual praticada por mulheres e homens, respetivamente.

Estes resultados indicam que os rapazes tendem a legitimar mais a violência sexual, quer esta seja praticada por rapazes ou raparigas.

Quadro 3. Comparação de médias e desvios-padrão para as diferentes subescalas consoante o sexo do participante

Diferentes subescalas	Sexo do Participante	M	DP
Violência Física Feminina	Masculino	20.56	8.06
	Feminino	20.95	6.06
Violência Física Masculina	Masculino	16.56	4.64
	Feminino	16.61	4.65
Violência Psicológica Feminina	Masculino	22.11	7.94
	Feminino	22.57	6.42
Violência Psicológica Masculina	Masculino	23.56	7.52
	Feminino	24.15	6.11
Violência Sexual Feminina	Masculino	21.56	8.95
	Feminino	16.70	4.12
Violência Sexual Masculina	Masculino	18.00	6.26
	Feminino	15.44	3.34

Nota: Estes valores devem ser analisados com cautela, dada a discrepância significativa entre sujeitos do sexo masculino (N = 9) e do sexo feminino (N = 87).

2.3.Experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima e/ou agressor(a)

Os resultados indicaram que 9.4% dos participantes afirmaram que já foram vítimas de violência no namoro e 79.2% afirmam que nunca foram vítimas. 2.1% dos participantes consideram que não sabem se já foram vítimas de violência no namoro (cf. Quadro 4).

Quadro 4. Estatísticas para a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima

Vítima	N
Sim	9
Não	76
Não Sei	2

Os resultados indicaram que 8.3% dos participantes afirmaram que já foram agressores de violência no namoro e 79.2% afirmam que nunca foram agressores. 3.1% dos participantes consideram que não sabem se já foram agressores de violência no namoro (cf. Quadro 5).

Quadro 5. Estatísticas para a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – agressor(a)

Agressor	N
Sim	8
Não	76
Não Sei	3

Diferenças entre a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima e/ou agressor – consoante o sexo do participante. Não há diferenças significativas entre os participantes do sexo masculino e os participantes do sexo feminino relativamente ao facto de já terem ou não sido vítimas ($F_{1,94} = .237$; $p = .627$) e/ou agressores ($F_{1,94} = .156$; $p = .694$) de violência no namoro.

2.4.Fatores relacionados com situações de violência no namoro

Através da observação do Quadro 6, pode-se verificar que os 3 principais fatores relacionados com a violência no namoro indicados pelos participantes foram, respetivamente, os problemas psicológicos ($M = 8.00$; $DP = .73$), o ciúme ($M = 7.99$; $DP = 8.25$) e o consumo excessivo de álcool e/ou drogas ($M = 7.81$; $DP = .72$). Os 2 fatores que os participantes menos relacionam com a violência no namoro são “Os homens serem por natureza mais controladores” ($M = 7.39$; $DP = .63$) e “As mulheres serem por natureza mais submissas” ($M = 7.36$; $DP = .63$).

No entanto, através do teste ANOVA para Medidas Repetidas, verificou-se que não existem diferenças significativas entre os diferentes fatores $F(8,24) = 1.945$; $p = .09$.

Este resultado pode indicar que os participantes conferem uma importância similar a todos os fatores apresentados, independentemente da sua natureza.

Quadro 6. Fatores relacionados com a Violência no Namoro por ordem decrescente

FATORES	M	DP
Alguns problemas psicológicos	8.00	.73
O ciúme	7.99	8.25
Consumo excessivo de álcool e/ou drogas	7.81	.72
Ter sido vítima de maus-tratos na infância	7.70	.67
Algumas pessoas serem muito temperamentais e não se conseguirem controlar	7.69	.75
As situações de violência fazerem parte do nosso quotidiano e da sociedade	7.58	.69
Ter assistido ou testemunhado situações de violência na família	7.56	.64
Os homens serem por natureza mais controladores	7.39	.63
As mulheres serem por natureza mais submissas	7.36	.633
Total	7.73	.425

Nota: Os valores apresentados correspondem aos resultados 7, 8 e 9 da escala utilizada.

2.5. Relação entre a experiência direta dos participantes com a violência no namoro – vítima e/ou agressor(a) – e a escala total da EAVN

Através da análise do Quadro 7, verifica-se que apenas existe uma correlação significativamente alta positiva entre a questão “Alguma vez foi vítima de violência no namoro” e “Alguma vez foi agressor de violência no namoro” ($r = .803$; $p < .001$).

Estes resultados sugerem que há uma relação positiva entre as experiências de vitimação e de agressão no namoro nos participantes.

Quadro 7. Correlações entre dois componentes do questionário.

	Total do Instrumento EAVN N = 96		
Vítima		Vítima	Agressor
Agressor	-.008	.803**	

Nota: Os valores apresentados correspondem a r de Pearson; ** a correlação é significativa quando $p < .01$.

2.6. Relação entre as seis subescalas e a escala total da EAVN

Analisando as correlações entre o instrumento EAVN e as seis subescalas que o compõem (cf. Quadro 8), pode-se verificar que há uma correlação de magnitude alta positiva entre todas as subescalas e o total do instrumento: VFF e total do instrumento EAVN ($r = .782$; $p < .001$); VFM e total do instrumento EAVN ($r = .823$; $p < .001$); VPF e total do instrumento EAVN ($r = .861$; $p < .001$); VPM e total do instrumento EAVN ($r = .881$; $p < .001$); VSF e total do instrumento EAVN ($r = .712$; $p < .001$); VSM e total do instrumento EAVN ($r = .739$; $p < .001$).

Verifica-se também a existência de correlações de magnitude moderada positiva entre as subescalas: VFM e VFF ($r = .629$; $p < .001$); VPF e VFF ($r = .624$; $p < .001$); VPM e VFF ($r = .597$; $p < .001$); VSF e VFF ($r = .430$; $p < .001$); VSM e VFF ($r = .360$; $p < .001$). Também de magnitude moderada verificam-se as seguintes correlações nas subescalas: VFM e VPF ($r = .572$; $p < .001$); VFM e VPM ($r = .683$; $p < .001$); VFM e VSF ($r = .527$; $p < .001$); VFM e VSM ($r = .614$; $p < .001$); VPF e VSF ($r = .452$; $p < .001$); VPF e VSM ($r = .504$; $p < .001$); VPM e VSF ($r = .452$; $p < .001$); VPM e VSM ($r = .565$; $p < .001$).

De magnitude alta observam-se as correlações entre as subescalas VPF e VPM ($r = .844$; $p < .001$) e VSF e VSM ($r = .744$; $p < .001$).

Estes resultados indicam que quanto maior é o nível de legitimação de um tipo de violência, maior será também de qualquer outro tipo e dos vários tipos de violência em simultâneo.

Quadro 8. Correlações entre o total do instrumento EAVN e as seis subescalas da EAVN

<i>N</i> = 96	Total do Instrumento EAVN	VFF	VFM	VPF	VPM	VSF	VSM
VFF	.782**						
VFM	.823**	.629**					
VPF	.861**	.624**	.572**				
VPM	.881**	.597**	.683**	.844**			
VSF	.712**	.430**	.527**	.452**	.452**		
VSM	.739**	.360**	.614**	.504**	.565**	.744**	

Nota: Os valores apresentados correspondem a *r* de Pearson; ** a correlação é significativa quando $p < .01$.

2.7. Relação entre os 3 fatores mais apontados pelos participantes relacionados com a violência no namoro, as seis subescalas da EAVN e a escala total da EAVN

Observando as correlações entre as 3 principais causas apontadas pelos participantes, as diferentes subescalas da EAVN e a escala total da EAVN (cf. Quadro 9), verifica-se que não há diferenças significativas encontradas entre ciúme e alguns problemas psicológicos ($r = .137$; $p = .295$), consumo excessivo de álcool e/ou drogas e alguns problemas psicológicos ($r = .082$; $p = .545$).

Relativamente à correlação entre os problemas psicológicos, as seis subescalas e a escala total EAVN, verifica-se que não há também correlações com diferenças significativas: VFF ($r = .225$; $p = .058$); VFM ($r = .070$; $p = .559$); VPF ($r = .188$; $p = .114$); VPM ($r = .178$; $p = .134$); VSF ($r = -.119$; $p = .318$); VSM ($r = -.115$; $p = .335$); total instrumento EAVN ($r = .121$; $p = .311$).

No que diz respeito à correlação entre o ciúme, as seis subescalas e a escala total EAVN, pode-se observar igualmente a não existência de correlações com diferenças significativas: VFF ($r = -.186$; $p = .116$); VFM ($r = -.149$; $p = .208$); VPF ($r = -.028$; $p = .814$); VPM ($r = -.120$; $p = .313$); VSF ($r = -.005$; $p = .968$); VSM ($r = .072$; $p = .543$); total instrumento EAVN ($r = -.121$; $p = .308$).

No que se refere ao consumo excessivo de álcool e/ou drogas e a sua relação com as seis subescalas e a escala total EAVN, não foram encontradas correlações com diferenças significativas: VFF ($r = -.119$; $p = .299$); VFM ($r = -.105$; $p = .360$); VPF ($r = -.132$; $p = .248$); VPM ($r = -.151$; $p = .187$); VSF ($r = .070$; $p = .541$); VSM ($r = -.002$; $p = .984$); total instrumento EAVN ($r = -.103$; $p = .368$).

Quadro 9. Correlações entre os 3 fatores predominantes, as seis subescalas e o instrumento EAVN

	Alguns problemas psicológicos	O ciúme	O consumo excessivo de álcool e/ou drogas
O ciúme	.137		
O consumo excessivo de álcool e/ou drogas	.082	.166	
VFF ($N = 96$)	.225	-.186	-.119
VFM ($N = 96$)	.070	-.149	-.105
VPF ($N = 96$)	.188	-.028	-.132
VPM ($N = 96$)	.178	-.120	-.151
VSF ($N = 96$)	-.119	-.005	.070
VSM ($N = 96$)	-.115	-.072	-.002
Total do Instrumento EAVN ($N = 96$)	.121	-.121	-.103

Nota: Os valores apresentados correspondem a r de Pearson; ** a correlação é significativa quando $p < .01$.

III. Discussão e Conclusão

Descritos os resultados, proceder-se-á, de seguida, à discussão dos mesmos e à elaboração de conclusões, no que diz respeito às questões de investigação que foram definidas.

Os resultados obtidos no presente estudo indicam que os níveis de legitimação da violência no namoro pelos participantes se revelaram inferiores à maioria dos estudos em Portugal que utilizaram a escala EAVN (e.g. Moura, 2012; Saavedra, 2010; Saavedra & Machado 2012; Veloso, 2013). Concretamente, verificou-se que os participantes deste estudo apresentam níveis de legitimação inferiores aos do estudo de Saavedra (2010).

O estudo restringiu-se apenas a estudantes universitários com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos. Tendo em conta que no estudo de Saavedra (2010), os participantes foram alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos, verifica-se alguma diferença no que diz respeito à amplitude das idades. Embora não seja consensual que a idade seja um fator preponderante na violência no namoro (Gover, 2004; Harned, 2002; Howard, Qiu, & Boekeloo, 2003; Malik, Sorenson, & Aneshensel, 1997; Noland, Liller, McDermott, Coulter, & Seraphine, 2004), neste caso pode ter sido uma variável importante a ter em conta.

Em segundo lugar, há que ter em conta que estamos a referir-nos a estudantes universitários, alunos do curso de Psicologia que, ainda que estejam maioritariamente no 1º ano, podem já adotar algum padrão de respostas mais enviesado. Corroborando este argumento, há vários estudos que mostram que menores níveis de legitimação de violência ocorrem quanto mais velhos são os alunos, e quanto maior o nível de formação académica (Lewis & Fremow, 2001).

Tendo em conta as diferentes subescalas, verificou-se que os valores mais elevados no presente estudo correspondem aos mais elevados no estudo de Saavedra (2010). Para além disso, verificou-se é na violência psicológica que se verifica um maior nível de legitimação, quer esta seja perpetrada por rapazes, quer por raparigas. Por outro lado, a violência sexual é pouco legitimada pelos participantes do presente estudo.

Relativamente aos valores obtidos para a violência psicológica masculina, estes podem ser explicados à luz do que concluíram Paiva e Figueiredo (2004), quando

verificaram que a agressão psicológica é o tipo de abuso mais prevalente do seu estudo (53.8-50.8%).

Os resultados obtidos no presente estudo relativamente às experiências diretas dos participantes, como vítimas ou agressores (as) foram animadores relativamente aos dados indicados pela literatura.

De facto, já em 1981, o estudo de Makepeace concluía que um em cada cinco estudantes universitários já tinha vivido situações de violência no namoro e que 61% da amostra revelava conhecer jovens com experiências de namoro abusivas (Caridade & Machado, 2006). A nível nacional, e tendo em conta os jovens universitários, os valores obtidos no presente estudo foram muito inferiores aos estudos existentes (e.g., Antunes & Machado, 2012; Machado, Caridade, & Martins, 2009; Oliveira & Sani, 2005; Oliveira; 2011).

Relativamente aos vários tipos de violência, os resultados indicaram que a violência sexual feminina e masculina foram as únicas escalas onde as diferenças foram significativas, indicando que há uma menor legitimação da violência sexual, quer esta seja praticada pelas raparigas, quer pelos rapazes. No entanto, atendendo à direção das diferenças através das médias, verifica-se que os participantes do sexo masculino apresentaram valores superiores de legitimação da violência do que as raparigas relativamente às questões de violência sexual praticada por raparigas ou por rapazes. Estes resultados vão ao encontro do que dizem alguns autores, que as crenças legitimadoras de violência parecem ser mais elevadas entre os homens (e.g. Machado, Matos & Moreira, 2003).

Vários estudos têm vindo a comprovar uma maior legitimação da violência nas relações íntimas juvenis (Caridade, 2011), sendo que é o sexo masculino quem tende a manifestar uma maior concordância com as crenças que legitimam ou desculpabilizam a conduta agressiva (Cate, Henton, Koval, Christopher, & Lloyd, 1982; Henton, Cate, Koval, Lloyd, & Christopher, 1983). De facto, há “uma tendência masculina para uma menor desaprovação da violência em geral, uma maior insensibilidade face à violência emocional, e uma maior justificação da violência com base no ciúme” (Caridade, 2011, p. 247).

Segundo Saavedra (2010), os rapazes apresentam níveis significativamente mais elevados de tolerância em relação à violência no namoro, relativamente às diferentes

formas de violência e à vitimização da violência (feminina ou masculina). Corroborando estas ideias, Caridade (2011) afirma que é no âmbito da violência sexual que se regista maior disparidade entre os géneros, dado que “os homens tendem a responsabilizar mais as vítimas do que as mulheres e que as perceções de provocação e menor respeitabilidade das vítimas predizem a tendência para as culpabilizar pelos episódios de violação” (p. 130).

Em ambos os casos, os valores foram superiores para os elementos do sexo masculino, ou seja, os participantes do sexo masculino legitimam mais a violência sexual no namoro, quer esta seja praticada por homens, quer por mulheres. Embora este tipo de violência tenha sido considerada pelos jovens como a segunda forma de violência mais prevalente numa relação de namoro (e não a primeira), estes resultados vão ao encontro do que se verifica em alguns estudos. Num estudo realizado com jovens universitários por Caridade e Machado (2008), apurou-se que cerca de 50% dos estudantes foram vítimas de violência sexual no namoro. Ainda num outro estudo realizado por Paiva e Figueiredo (2004), 25.6% da amostra revelou já ter sido vítima ou agressor de abuso ou coerção sexual.

Embora se tenham verificado diferenças relativamente ao género dos participantes, estes valores têm de ser analisados com algum cuidado, dada a discrepância significativa entre sujeitos do sexo masculino ($N = 9$) e do sexo feminino ($N = 87$).

Não foram encontradas diferenças significativas entre os diversos fatores de risco associados à violência no namoro apontados pelos participantes, o que pode indicar algum desconhecimento dos participantes perante a problemática, parecendo que estes estão pouco informados.

O ciúme, como também se verifica noutros estudos (Johnson, Frattaroli, Campbell, Wright, Pearson-Fields, & Cheng, 2005; Lavoie et al., 2000), corresponde a uma das causas mais consensuais apresentadas pelos jovens para a ocorrência de violência no namoro, bem como a condição psicológica do agressor (Caridade, 2011). Num estudo efetuado por Leisring (2013), verificou-se que o ciúme foi apontado como um dos motivos mais comuns apontados por raparigas universitárias para perpetrar violência no namoro, o que são dados interessantes para se relacionar com o presente estudo, tendo em conta que a maioria dos participantes do estudo são do sexo feminino.

Relativamente ao consumo excessivo de álcool e/ou drogas, segundo a literatura, há uma associação entre o abuso de álcool ou drogas e condutas violentas no namoro

(Lavoie et al., 2000; Magdol et al., 1997; Chase, Treboux, O’Leary, 2002). De facto, o consumo excessivo de álcool e drogas está associado a múltiplas formas de violência, incluindo a violência no namoro (Howard & Wang, 2003; Lormand, Markham, Peskin, Byrd, Addy, Baumler, & Tortolero, 2013; Swahn, Bossarte, Palmiera, Yaoa, & Van Dulmend, 2013; Swahn, Simon, Hertz, Arias, Bossarte, Ross, & Hamburger, 2008).

Alguns autores (Follingstad, Bradley, Laughlin, & Burke, 1999; Follingstad, Bradley, Helff, & Laughlin, 2002; Kendra, Bell, & Guimond, 2013) sugerem que uma frágil saúde mental pode ser um fator de risco para namoros violentos, fator elencado pelos participantes do presente estudo. Um debilitante estado de saúde mental, pautado pela raiva, falta de autoestima, ansiedade e depressão é de facto um elemento que pode desencadear violência nas relações amorosas juvenis (Kaukinen, 2014).

A dimensão cultural da violência tem sido entre os fatores de risco o que menos tem sido relacionado com a violência no namoro (Caridade & Machado, 2012).

Através dos resultados, constata-se que há uma correlação positiva forte estatisticamente significativa relativamente às experiências diretas dos participantes, como vítimas ou agressores (as). Esta questão vai de encontro aos resultados obtidos por vários estudos (e.g., Aldrighi, 2004; Swart, Seedat, Stevens, & Ricardo, 2002). A título exemplificativo, tenha-se em conta o estudo de Cate e colaboradores (1982), que mostra que em 68% dos casos de violência, os participantes de ambos os sexos assumiram-se como vítimas e agressores de algum tipo de violência ao longo da vida. Para além disso, no estudo de Price, Byers, e The Dating Violence Research Team (1999), previa-se que os participantes que já foram vítimas, revelassem maiores níveis de legitimação da violência nas suas várias dimensões. No entanto, no presente estudo, apesar de haverem alguns participantes que afirmaram que já foram vítimas e/ou agressores de violência no namoro, o número de participantes que afirmou que não era vítima nem agressor é muito superior.

Olhando para os resultados da relação entre as seis subescalas e a escala total EAVN pode-se concluir que existe correlação entre as diferentes subescalas entre si. Estes resultados indicam que quanto maior é o nível de legitimação de um tipo de violência, maior será também de qualquer outro tipo e dos vários tipos de violência em simultâneo, o que seria esperado tendo em conta que no estudo de Price e colaboradores (1999), os autores da escala original, previram que, tanto para rapazes e raparigas, a aceitação da

violência psicológica, física e sexual sobre as raparigas apresentava relação positiva entre si.

Comparando as seis subescalas da EAVN, bem como o total da escala EAVN e os três fatores predominantes apontados pelos participantes, verificou-se que não foi encontrada alguma relação entre os mesmos.

Não obstante o cenário menos alarmante que constitui os jovens participantes do presente estudo, é importante intervir preventivamente ao nível das atitudes. Efetivamente, a investigação indica que ainda que haja uma baixa concordância com as práticas violentas no namoro, os números a nível de comportamentos fazem com que não se possa menosprezar esta problemática (Caridade, 2011).

A prevenção deverá começar em idades precoces, a adolescência, que é uma faixa etária ótima para abordar estes conceitos, dado ser esta a altura do estabelecimento de padrões no namoro e eventual exposição ao risco (*Idem*).

Após se perceber a elevada importância do grupo de pares nos adolescentes, segundo Ashley e Foshee (2005) seria importante apostar na promoção de ações de formação junto dos pares, professores e outros agentes que estão em contacto com estes jovens, para que estes sejam capazes de lidar com as experiências de vitimação dos mesmos.

Também a aposta em desenvolver programas de promoção de competências de comunicação, gestão de conflitos e relações de comunicação saudáveis poderá ser uma mais-valia para uma mudança a nível de atitudes, mas sobretudo de comportamentos (O’Keefe, 2005), sem esquecer uma intervenção ao nível dos consumos de toxicodependências (Abbey et al., 2001).

A nível universitário, “a faculdade, professores, e outros funcionários que interagem diretamente com os estudantes universitários precisam de ser educados sobre a prevalência e a natureza da violência no namoro em jovens universitários. Esta educação deve incluir também como responder a denúncias de violência e como proporcionar aos alunos caminhos para recursos e recuperação” (Kaukinen, 2015; p. 292).

O estudo presente apresenta algumas limitações que poderão eventualmente ser ultrapassadas em investigações futuras.

Em primeiro lugar, o facto de os participantes frequentarem o curso de Psicologia poderá ter tornado os resultados enviesados. Poderá ser útil alargar o estudo a estudantes de outras áreas que não só as de Ciências Sociais e Humanas.

Em segundo lugar, os participantes eram maioritariamente do sexo feminino, o que por si só não torna a amostra representativa, principalmente no que diz respeito a uma problemática como a violência no namoro, onde estamos sempre a considerar os vários tipos de violência cujos agressores são rapazes e raparigas e as vítimas também.

Para além disso, o contexto onde os dados foram recolhidos poderá também não ter sido o melhor, por ser em contexto de sala de aula, onde podem não estar asseguradas questões como a confidencialidade. Relacionado com esta questão, está o facto de estarmos a avaliar atitudes relacionadas com a violência no namoro, onde há questões sensíveis a ter em conta e que podem, até, ferir susceptibilidades.

Relativamente aos fatores relacionados com a violência no namoro, verificou-se que os participantes estão pouco informados sobre a problemática, muito embora os resultados obtidos possam ser analisados do ponto de vista metodológico. A forma como medimos esta questão foi através de uma escala de Likert, de 9 pontos, correndo o risco que os participantes achassem que, de facto, todos aqueles fatores poderiam estar bastante relacionados, havendo pouca margem de classificação.

Por fim, poderá também ser importante futuramente considerar-se outras formas de relações íntimas, nomeadamente, os relacionamentos homossexuais.

Apesar das limitações, o presente estudo apresenta atualidade e pertinência, no sentido em que é crucial analisar as atitudes dos jovens para que se possam prevenir comportamentos violentos nas relações íntimas juvenis. Deste modo, apenas conhecendo a realidade dos jovens no que diz respeito ao seu posicionamento crítico perante a problemática, se poderá pensar nos passos futuros de ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, M. (2002). *(Des) Equilíbrios familiares*. Coimbra, Quarteto
- Antunes, J., & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-107.
- Antunes, M. (2002). Violência doméstica em contexto doméstico. In: Gonçalves, R. e Machado, C. (Ed.). *Violência e vítimas de crimes* vol. 1: Adultos. Coimbra, Quarteto Editora, pp. 43-77.
- Arriaga, X. B., & Foshee, V. A. (2004). Adolescent Dating Violence Do Adolescents Follow in Their Friends', Or Their Parents', Footsteps? *Journal of interpersonal violence*, 19(2), 162-184.
- Arriaga, X. B. & Stuart, O. (1999). *Violence in intimate relationships*. Thousand Oaks, Sage Publications.
- Ashley, O. S., & Foshee, V. A. (2005). Adolescent help-seeking for dating violence: Prevalence, sociodemographic correlates, and sources of help. *Journal of Adolescent Health*, 36(1), 25-31.
- Associação de Apoio à Vítima. (2012). APAV Violência Doméstica. Obtido em 19 de setembro de 2015, de APAV: <http://apav.pt/vd/>
- Benedictis, T., Jaffe, J., & Segal, J. (2006). Domestic violence an abuse: Types, signs, symptoms, causes, and effects. American Academy of Experts in Traumatic Stress. Retrieved on June 16, 2010.
- Bergman, L. (1992). Dating violence among high school students. *Social Work*, 37, 21–27.
- Brown, B.B. (1999). *You're going out with who?: peer group influences on adolescent romantic relationships*. In W. Furman, B.B. Brown, & C. Feiring (Eds.), *The development of romantic relationships in adolescence* (pp. 291-329). Cambridge: Cambridge
- Buzy, W. M., McDonald, R., Jouriles, E. N., Swank, P. R., Rosenfield, D., Shimek, J. S., & Corbitt-Shindler, D. (2004). Adolescent girls' alcohol use as a risk factor for relationship violence. *Journal of Research on Adolescence*, 14(4), 449-470.

- Callahan, M. R., Tolman, R.M. & Saunders (2003). Adolescent Dating Violence Victimization and Psychological Well-Being. *Journal of Adolescent Research*, 18 (6) 664-681.
- Caridade, S. (2008). *Violência nas relações de intimidade: comportamentos e atitudes dos jovens*. Tese de doutoramento apresentada à Universidade do Minho, Braga.
- Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S., & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: Relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S., Machado, C., & Vaz, F. (2007). Violência no namoro: Estudo exploratório com jovens estudantes. Violence in dating: Exploratory study in young students. *Psychologica*, 46197-214.
- Carr, J. L., & VanDeusen, K. M. (2002). The relationship between family of origin violence and dating violence in college men. *Journal of Interpersonal Violence*, 17(6), 630-646.
- Castro, R., & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Rev Saúde Pública*, 38(1), 62-70.
- Chase, K., Treboux, D., O' Leary, K. D. Characteristics of high-risk adolescents' dating violence. *Journal of Interpersonal Violence*, v. 1, p. 33-49, 2002.
- Cleveland, H. H., Herrera, V. M., & Stuewig, J. (2003). Abusive males and abused females in adolescent relationships: Risk factor similarity and dissimilarity and the role of relationship seriousness. *Journal of Family Violence*, 18(6), 325-339.
- Coker, A. L., Smith, P. H., Bethea, L., King, M. R., & McKeown, R. E. (2000). Physical health consequences of physical and psychological intimate partner violence. *Archives of family medicine*, 9(5), 451.

- CONSELHO DA EUROPA (2002) - Recomendação do Comité de Ministros aos Estados Membros sobre a protecção das mulheres contra a violência. Genebra: Conselho Da Europa.
- Dahlberg, L. L. (1998). Youth violence in the United States: Major trends, risk factors, and prevention approaches. *American journal of preventive medicine*, 14(4), 259-272.
- Ehlert, C. M. (2007). Adolescent Dating Violence: A Review of Literature on Development, Prevalence, Perceptions, Help Seeking and Prevention Programs. Month.
- Ellsberg, M., Jansen, H. A., Heise, L., Watts, C. H., & Garcia-Moreno, C. (2008). Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO multi-country study on women's health and domestic violence: an observational study. *The Lancet*, 371(9619), 1165-1172.
- Follingstad, D. R., Bradley, R. G., Helff, C. M., & Laughlin, J. E. (2002). A model for predicting dating violence: Anxious attachment, angry temperament, and need for relationship control. *Violence and victims*, 17(1), 35-47.
- Follingstad, D. R., Bradley, R. G., Laughlin, J. E., & Burke, L. (1999). Risk factors and correlates of dating violence: The relevance of examining frequency and severity levels in a college sample. *Violence and Victims*, 14, 365-380.
- Foo, L., & Margolin, G. (1995). A multivariate investigation of dating aggression. *Journal of Family Violence*, 10(4), 351-377.
- Furman, W., & Wehner, E. A. (1997). Adolescent romantic relationships: A developmental perspective. *New directions for child and adolescent development*, 1997(78), 21-36.
- Gallopín, C., & Leigh, L. (2009). Teen Perceptions of Dating Violence, Help-Seeking, and the Role of Schools. *Prevention Researcher*, 16(1), 17-20.
- Gover, A. R. (2004). Risky lifestyles and dating violence: A theoretical test of violent victimization. *Journal of Criminal Justice*, 32(2), 171-180.
- Haberyan, A. e Kibler, J. (2008). Physical Violence in Rural and Urban Midwestern Adolescent Dating Relationships. *Psychology Journal*, 5 (3), 158-164

- Halpern, C. T., Oslak, S. G., Young, M. L., Martin, S. L., & Kupper, L. L. (2001). Partner violence among adolescents in opposite-sex romantic relationships: Findings
Harned, M. S. (2002). A multivariate analysis of risk markers for dating violence victimization. *Journal of interpersonal violence*, 17(11), 1179-1197.
- Harvey, A., Garcia-Moreno, C., & Butchart, A. (2007). Primary prevention of intimate partner violence and sexual violence: Background paper for WHO expert meeting May 2-3, 2007. Geneva: World Health Organization, Department of Violence and Injury Prevention and Disability.
- from the National Longitudinal Study of Adolescent Health. *American journal of public health*, 91(10), 1679-1685.
- Hibbard, R. A., Ingersoll, G. M., & Orr, D. P. (1990). Behavioral risk, emotional risk, and child abuse among adolescents in a nonclinical setting. *Pediatrics*, 86(6), 896-901.
- Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents: prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5, 123-142.
- Holt, M. K., & Espelage, D. L. (2003). A cluster analytic investigation of victimization among high school students: are profiles differentially associated with psychological symptoms and school belonging?. *Journal of Applied School Psychology*, 19(2), 81-98.
- Howard, D. E., & Wang, M. Q. (2003). Risk profiles of adolescent girls who were victims of dating violence. *Adolescence*, 38(149), 1-14.
- Howard, D., Qiu, Y., & Boekeloo, B. (2003). Personal and social contextual correlates of adolescent dating violence. *Journal of adolescent health*, 33(1), 9-17.
- Jackson, S. M. (1999). Issues in the dating violence research: a review of the literature. In: *Agression and violent behaviour*, 4 (2), pp. 233-247.
- James, W. H., West, C., Deters, K. E., & Armijo, E. (2000). Youth dating violence. *Adolescence*, 35(139), 455.
- Kaukinen, C. (2014). Dating Violence Among College Students The Risk and Protective Factors. *Trauma, Violence, & Abuse*, 1524838014521321.

- Kendra, R., Bell, K. M., & Guimond, J. M. (2012). The impact of child abuse history, PTSD symptoms, and anger arousal on dating violence perpetration among college women. *Journal of Family Violence*, 27, 165–175.
- Kennedy, A. C. (2008). An ecological approach to examining cumulative violence exposure among urban, African American adolescents. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 25(1), 25-41.
- Kreiter, S. R., Krowchuk, D. P., Woods, C. R., Sinal, S. H., Lawless, M. R., & DuRant, R. H. (1999). Gender differences in risk behaviors among adolescents who experience date fighting. *Pediatrics*, 104(6), 1286-1292.
- Kinsfogel, K. M., & Grych, J. H. (2004). Interparental conflict and adolescent dating relationships: integrating cognitive, emotional, and peer influences. *Journal of family psychology*, 18(3), 505.
- Lane, K. E., & Gwartney-Gibbs, P. A. (1985). Violence in the context of dating and sex. *Journal of Family Issues*, 6(1), 45-59.
- Lavoie, F., Robitaille, L., & Hebert, M. (2000). Teen Dating Relationships and Aggression An Exploratory Study. *Violence against women*, 6(1), 6-36.
- Lei 7/2000 de 27 de maio, *Artigo I*.
- Leitão, M. (2013), Violência nas Relações de Intimidade. In U. d. Saúde, *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito - Fazer diferente para fazer a diferença*, Vol. 5, 23-42. Coimbra: Série Monográfica Educação e Investigação em Saúde.
- Leitão, M. N. (2014). Mulheres sobreviventes de violência exercida por parceiros íntimos – a difícil transição para a autonomia. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(1), 7-15.
- Leisring, P. A. (2013). Physical and emotional abuse in romantic relationships motivation for perpetration among college women. *Journal of interpersonal violence*, 28, 1437–1454.
- Lewis, S. F., & Fremouw, W. (2001). Dating violence: A critical review of the literature. *Clinical psychology review*, 21(1), 105-127.

- Lisboa, M., Vicente, L., Barroso, Z. (2005). Saúde e violência contra as mulheres. Socinova. Universidade Nova de Lisboa.
- Lormand, D. K., Markham, C. M., Peskin, M. F., Byrd, T. L., Addy, R. C., Baumler, E., & Tortolero, S. R. (2013). Dating violence among urban, minority, middle school youth and associated sexual risk behaviors and substance use. *Journal of School Health*, 83, 415–421.
- Lourenço, N. & Carvalho, M. J. L. (2001). Violência doméstica: Conceito e âmbito. Tipos e espaços de violência. *Themis*, 3, 95-121.
- Machado, C., Caridade, S., & Martins, C. (2009). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese sample. *Journal of Family Violence*, 25(1), 43-52.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A.I. (2003) Violência nas relações amorosas: comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Gonçalves, R. A., & Machado, C. (2002). *Violência e Vítimas de crimes*.
- Magdol, L., Moffitt, T. E., Caspi, A., Newman, D. L., Fagan, J., & Silva, P. A. (1997). Gender differences in partner violence in a birth cohort of 21-year-olds: bridging the gap between clinical and epidemiological approaches. *Journal of consulting and clinical psychology*, 65(1), 68.
- Malik, S., Sorenson, S. B., & Aneshensel, C. S. (1997). Community and dating violence among adolescents: Perpetration and victimization. *Journal of adolescent health*, 21(5), 291-302.
- Manita, C. (2005). *A intervenção em agressores no contexto da violência doméstica em Portugal: Estudo preliminar de caracterização*. Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres: Coleção Estudos de Género 2 Maia: SerSilito.
- Manita, C., Ribeiro, C., & Peixoto, C. (2009). Violência doméstica: compreender para intervir: guia de boas práticas para profissionais de saúde.
- Matos, M. (2000). *Violência conjugal: o processo de construção da identidade da mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de mestre em Psicologia, na especialidade de Psicologia da Justiça. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

- Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade. Estudos sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Dissertação de candidatura ao grau de doutor em Psicologia da Justiça. Braga: Universidade do Minho.
- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. J. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: intervenção com jovens em contexto escolar. *Psicologia: teoria e prática*, 8(1), 55-75.
- McDonnell, J., Ott, J. & Mitchell, M. (2010). Predicting dating violence victimization and perpetration among middle and high school students in a rural southern community. *Children and Youth Services Review*, 32, 1458-1463. DOI:10.1016/j.childyouth.2010.07.00
- Ministério da Administração Interna. (2014) *Violência Doméstica – 2013: Relatório anual de monitorização*. Disponível em: www.dgai.mai.gov.pt.
- Molidor, C. E. (1995). Gender differences of psychological abuse in high school dating relationships. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 12(2), 119-134.
- Molidor, C., & Tolman, R. M. (1998). Gender and contextual factors in adolescent dating violence. *Violence against women*, 4(2), 180-194.
- Moura, G. A. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua perceção dos estilos parentais*.
- Murray, C. E. & Kardatzke, K. N. (2007). Dating Violence Among College Students: Key Issues for College Counselors. *Journal of College Counseling*, 10, 79-89.
- Naar-King, S., Silvern, L., Ryan, V., & Sebring, D. (2002). Type and severity of abuse as predictors of psychiatric symptoms in adolescence. *Journal of Family Violence*, 17(2), 133-149.
- Noland, V. J., Liller, K. D., McDermott, R. J., Coulter, M. L., & Seraphine, A. E. (2004). Is adolescent sibling violence a precursor to college dating violence?. *American journal of health behavior*, 28(Supplement 1), S13-S23.
- O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of family violence*, 13(1), 39-57.

- O'Keeffe, N. K., Brockopp, K., & Chew, E. (1986). Teen dating violence. *Social Work*, 31(6), 465-468.
- O'Keefe, M., & Treister, L. (1998). Victims of Dating Violence Among High School Students Are the Predictors Different for Males and Females? *Violence against women*, 4(2), 195-223.
- O'Leary, K. D., Barling, J., Arias, I., Rosenbaum, A., Malone, J., & Tyree, A. (1989). Prevalence and stability of physical aggression between spouses: a longitudinal analysis. *Journal of consulting and Clinical Psychology*, 57(2), 263.
- Oliveira, M., & Sani, A. (2005). Comportamentos dos jovens universitários face à violência nas relações amorosas. In Bento Silva e Leandro Almeida (Coords), Atas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia. Braga: Centro de Investigação em Educação.
- Oliveira, J. (2011) *Violência no Namoro: Adaptação de um Programa de Prevenção em Jovens Universitárias*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre na especialidade Psicologia Clínica e da Saúde. Universidade da Beira Interior: Covilhã.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2002) - Rapport mondial sur la violence et la santé. Genève: OMS
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no Contexto do Relacionamento Íntimo Com o Companheiro: Definição, Prevalência, Causas e Efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4, 165-184.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: estudo da prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.
- Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D. (2009). *O Mundo da Criança: Da Infância à Adolescência*. McGraw Hill Brasil.
- Paul, E. L., & White, K. M. (1990). The development of intimate relationships in late adolescence. *Adolescence*, 25(98), 375.
- Price, E. L., Byers, E. S., & Dating violence research team. (1999). The attitudes towards dating violence scales: Development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 4, 387-415

- Rivera-Rivera, L., Allen-Leigh, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2007). Prevalence and correlates of adolescent dating violence: Baseline study of a cohort of 7960 male and female Mexican public school students. *Preventive medicine*, 44(6), 477-484.
- Rivera-Rivera, L., Allen, B., Rodríguez-Ortega, G., Chávez-Ayala, R., & Lazcano-Ponce, E. (2006). Violencia durante el noviazgo, depresión y conductas de riesgo en estudiantes femeninas (12-24 años). *Salud pública de México*, 48, s288-s296.
- Roberts, T. A., & Klein, J. (2003). Intimate partner abuse and high-risk behavior in adolescents. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, 157(4), 375-380.
- Saavedra, R. (2010). Prevenir antes de remediar: Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis. (Dissertação de Doutorado).
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN). In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica* (vol. II). Coimbra: Almedina.
- Smith, D. M. & Donnelly, J. (2000). Adolescent Dating Violence: A Multi-Systemic Approach of Enhancing Awareness in Educators, Parents, and Society. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 21 (1), 53-64. DOI:10.1300/J005v21n01_04.
- Sousa, D. T. N. C. D. (2011). *Vitimação múltipla em mulheres vítimas de violência conjugal: o cruzamento de experiências relatado na primeira pessoa*.
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10, 790–811.
- Swahn, M. H., Bossarte, R. M., Palmier, J. B., Yao, H., & Van Dulmen, M. H. (2013). Risk factors for multiple forms of violent experiences: Analyses of the 2009 youth risk behavior survey. *Vulnerable Children and Youth Studies: An International Interdisciplinary Journal for Research, Policy and Care*, 8, 225–236
- Swahn, M. H., Simon, T. R., Hertz, M., Arias, I., Bossarte, R. M., Ross, J., & Hamburger, M. (2008). Linking dating violence, peer violence, and suicidal behaviors among high-risk youth. *American Journal of Preventive Medicine*, 34, 30–38.

- Tontodonato, P., & Crew, B. K. (1992). Dating violence, social learning theory, and gender: A multivariate analysis. *Violence and victims*, 7(1), 3.
- Veloso, N. M. (2013). Violência no namoro em estudantes universitários: prevalência e diferenças entre géneros.
- Vezina, J., & Hebert, M. (2007). Risk Factors for Victimization in Romantic Relationships of Young Women A Review of Empirical Studies and Implications for Prevention. *Trauma, Violence, & Abuse*, 8(1), 33-66.
- Walker, L. (1994). *Abused women and survivor therapy: A practical guide for the psychotherapist*. Washington D. C., American Psychological Association.
- Wekerle, C., & Wolfe, D. A. (1999). Dating violence in mid-adolescence: Theory, significance, and emerging prevention initiatives. *Clinical psychology review*, 19(4), 435-456.
- Wolfe, D. A., Scott, K., Reitzel-Jaffe, D., Wekerle, C., Grasley, C., & Straatman, A. L. (2001). Development and validation of the conflict in adolescent dating relationships inventory. *Psychological assessment*, 13(2), 277.
- Yoshimura, R. M. (1995). Empowering Battered Women: Changes in Domestic Violence Laws in Hawai'i.

Anexo 1

Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)

E.A.V.N.

(Autores: Price, Byers, & The Dating Violence Research Team (1999);

Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

INSTRUÇÕES

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Por favor responde às questões efectuadas, sem indicar o teu nome.

Escola: _____

Ano: _____ Turma: _____ N.º aluno: _____

Idade: _____ Sexo: M ☐ F ☐

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente
Discordo
Não concordo nem discordo
Concordo
Concordo totalmente

Parte A

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Um rapaz não deve insultar a namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte B

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga deve acabar com o namorado se ele lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não é correcto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele tem de dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Normalmente, um rapaz só bate na namorada quando ela merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte C

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Às vezes os rapazes têm que ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte D

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Uma rapariga tem o direito de dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Por vezes as raparigas têm que ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte E

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Por vezes, uma rapariga tem que bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Normalmente, uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Puxar o cabelo é uma boa forma da rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Nunca está correcto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se ela o esbofeteiar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Parte F

	DISCORDO TOTALMENTE	DISCORDO	NÃO CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO	CONCORDO TOTALMENTE
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Anexo 2

Questionário utilizado no presente estudo – EAVN (adaptação)

E.A.V.N.

Price, Byers & The Dating Violence Research Team, 1999
Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado & Martins, 2008
Versão para Investigação (adaptado)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Por favor responda às questões efetuadas, sem indicar o seu nome.

Curso: _____ Ano: _____ Idade: _____ Sexo: M ___ F ___

INSTRUÇÕES

Vai encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leia atentamente essas frases e exprima a sua opinião em relação a cada uma delas. Não existem respostas certas ou erradas. A sua opinião é o mais importante. Por favor, tente responder de acordo com a sua forma de pensar e sentir e não como acha que deveria ser. Avalie cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o seu modo de pensar. Assegure-se de que respondeu a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas. As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais. Naturalmente, a sua participação é voluntária, podendo desistir a qualquer momento. Obrigado pela sua colaboração!

Por favor, leia atentamente cada afirmação e responda de acordo com as seguintes opções:

Discordo Totalmente
Discordo
Nem Concordo nem Discordo
Concordo
Concordo Totalmente

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
1. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se ela o esbofetear.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Normalmente, um rapaz só bate na namorada quando ela merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele tem de dar uma bofetada à namorada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
21. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Um rapaz não deve insultar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Um rapaz pode dizer mal da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Mesmo se um rapaz tiver dito "sim" sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
27. Normalmente, uma rapariga só bate no namorado quando ele merece.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
41. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Às vezes os rapazes têm que ser brutos com as namoradas para as excitarem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Por vezes as raparigas têm que ameaçar os namorados para eles as ouvirem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. Uma rapariga tem o direito de dizer mal do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Por vezes, uma rapariga tem que bater no namorado para ele a respeitar.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
54. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
55. Não é correto um rapaz bater na namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
56. Puxar o cabelo é uma boa forma de a rapariga se vingar do namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
57. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
58. Por vezes, um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
59. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
60. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Discordo Totalmente	Discordo	Nem Concordo Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
61. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
62. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
63. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
64. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
65. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
66. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
67. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
68. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
69. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
70. Uma rapariga deve acabar com o namorado se ele lhe bater.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
71. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
72. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
73. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
74. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
75. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Numa escala de 1 a 9 (em que 1 significa "nada" e 9 significa "totalmente", indique em que medida considera que os seguintes fatores podem estar relacionados com situações de violência no namoro.

- O consumo excessivo de álcool e/ou drogas

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Ter sido vítima de maus tratos na infância

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- As mulheres serem por natureza mais submissas

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Algumas pessoas serem muito temperamentais e não se conseguirem controlar

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Ter assistido ou testemunhado situações de violência na família

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Alguns problemas psicológicos

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Os homens serem por natureza mais controladores

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- As situações de violência fazerem parte do nosso quotidiano e da sociedade

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- O ciúme

1	2	3	4	5	6	7	8	9

- Outro. Qual? _____

1	2	3	4	5	6	7	8	9

Ao longo dos seus relacionamentos, considera que, em algum momento, foi **vítima** de violência no namoro?

Sim	
Não	
Não Sei	

Nunca estive numa relação amorosa	
-----------------------------------	--

Ao longo dos seus relacionamentos, considera que, em algum momento, foi **agressor(a)** no namoro?

Sim	
Não	
Não Sei	

Nunca estive numa relação amorosa	
-----------------------------------	--

Agradecemos a sua colaboração!